

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO

ISABEL CRISTINA BELASCO BENTO

**EDUCAÇÃO PREVENTIVA EM SEXUALIDADE, IST/AIDS  
PARA O SURDO ATRAVÉS DA PESQUISA-AÇÃO**

Ribeirão Preto  
2005  
ISABEL CRISTINA BELASCO BENTO

## **EDUCAÇÃO PREVENTIVA EM SEXUALIDADE, IST/AIDS PARA O SURDO ATRAVÉS DA PESQUISA-AÇÃO**

Tese apresentada à Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor, pelo Curso de Pós-graduação em Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas vinculada à Linha de Pesquisa: “Educação em Saúde e Formação de Recursos Humanos”

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Sonia Maria Vilella Bueno.

Ribeirão Preto  
2005

## FOLHA DE APROVAÇÃO

Isabel Cristina Belasco Bento  
Educação Preventiva em Sexualidade, IST/AIDS  
para o Surdo através da Pesquisa-Ação

Tese apresentada à Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor, pelo Curso de Pós-graduação em Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas vinculada à Linha de Pesquisa: “Educação em Saúde e Formação de Recursos Humanos”

Data da Defesa:

### Banca Examinadora

Profa. Dra. Sonia Maria Villela Bueno

Instituição: EERP/USP

Assinatura:

Profa. Dra. Eucia Beatriz Lopes Petean

Instituição: FFCLRP

Assinatura:

Prof. Dr. Luiz Jorge Pedrão

Instituição: EERP/USP

Assinatura:

Profa. Dra. Maria Inês Brandão Bocardi

Instituição: UNIMAR

Assinatura:

Prof. Dr. João Carlos da Costa

Instituição: FMRP/USP

Assinatura:

## **DEDICATÓRIA**

À minha família, com amor e gratidão por me apoiar, compartilhando tanto os momentos mais penosos quanto os mais gratificantes deste trabalho.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos surdos, especialmente ao meu amigo Cleiton, que me descortinou sua linguagem, seu coração e suas riquezas.

À Soninha, minha orientadora, que sempre me anima a alçar vôos mais altos.

À Jesus, que me direciona em tudo e me traz paz nos momentos em que mais preciso dela.

“Abra a tua boca (mão) em favor do mudo (surdo), pelo direito  
de todos que se acham desamparados”

Provérbios 31:8

## RESUMO

BENTO, I.C.B. – **Educação Preventiva em Sexualidade, IST/Aids para o Surdo através da Pesquisa-Ação**, 2005. 104 p.- Tese (Doutorado). Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2005.

Este estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa, mediada pela metodologia da pesquisa-ação, fundamentada em referencial teórico-metodológico de Paulo Freire. Esse visa a levantar problemas vivenciados por uma população específica de nove surdos, adultos jovens, alunos de uma Classe de Educação de Jovens e Adultos (EJA) frente à sexualidade e as IST/aids, através da comunicação pela Língua de Sinais Brasileira (LIBRAS); criar junto deles possibilidades de construção, implementação e avaliação de ações educativas, frente a situações problematizadas, criando subsídios à reflexão para uma mudança de atitude frente às dificuldades identificadas, com vistas ao desenvolvimento da autonomia, da escolha responsável e cidadã relativa à vida sexual, à negociação do sexo seguro e à prevenção das IST/aids. Discute-se a necessidade de um trabalho voltado especificamente a esta população que é peculiar, dada a exclusão existente e pela própria dificuldade da comunicação. Analisa-se a construção de um referencial que possa dar conta da implementação de um processo educativo, ao mesmo tempo dando respaldo para a abordagem crítica e científica do mesmo. Isto suscitou instrumentalização para lidar com esta questão exigindo da pesquisadora frequentar e concluir curso de LIBRAS para favorecer a interação horizontal. A entrevista foi aplicada de acordo com os preceitos éticos e o rigor científico. Foi verificada uma dificuldade no que diz respeito aos conteúdos curriculares de Educação Básica, em

relação ao corpo humano, bem como a gravidez e parto. Relativamente à sexualidade, esta palavra não era de conhecimento dos surdos pesquisados. Quanto à prática do sexo uma grande parte já havia tido experiências neste sentido e como método de proteção para o sexo, a camisinha, o casamento, a fidelidade e a pílula anticoncepcional eram os conhecidos por eles. Com respeito as IST/aids e as outras questões depreendeu-se a necessidade de informações complementares para o exercício de uma sexualidade segura e responsável. Foram efetuadas, descritas e avaliadas as ações educativas implementadas, concluindo-se que os surdos são uma população que demanda de uma educação preventiva para as temáticas estudadas de forma dinâmica, contextualizada e voltada para sua peculiaridade, ou seja, sua língua, sua cultura, sua experiência visual acurada e sua facilidade de comunicação com seus pares, indo de encontro com a proposta de formação de agentes multiplicadores.

**Palavras Chave:** Surdos, Sexualidade, IST/Aids, Educação Preventiva, Pesquisa-Ação.



## ABSTRACT

BENTO, I.C.B - **Preventive Education in Sexuality, STD/AIDS for the Deaf through Action-Research**, 104 p.- Thesis (Doctorate). Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, University of São Paulo, 2005.

This study is about a qualitative research, measured by action-research methodology, based in Paulo Freire's theoretical method. This paper is to raise problems lived by a specific young deaf adults population facing sexuality and STD/AIDS, through language communication by signs, using LIBRAS( Brazilian Sign Language) ; creating among them construction possibilities, implementation and assessment of teaching actions, facing problematic situations, creating subsidy to reflexion for a change in attitude facing identified problems leading to a self development and a responsible choice related to sexual life, safe sex and STD/AIDS prevention.

The need of a job is discussed specifically turned to this peculiar population since exclusion is always present and by their own difficulty in communication.

The build of a referential is also discussed, that can implement the educative process and at the same time giving support to a critical and scientific approach. This brought about instrumental to deal with questions, demanding the researcher to conclude a LIBRAS course to favor the horizontal interaction.

The interview was done according to ethical rules and scientific accuracy.

A great difficulty was found regarding the current curriculum content in relation to the human body, pregnancy and childbirth. Sexuality is a word not known by the group in this study; regarding sex practice, only one has never had sex before and all of them

have known about sex protection methods, condom, marriage, fidelity and anti conceptional pills.

Regarding STD/AIDS and other matters related, we could see the need of complementary information for a safe and responsible sexuality practice.

The implemented educational actions were done, described and assessed. It may be concluded that the deaf population is calling for a preventive education in the areas mentioned above in a dynamical form, contextualized and turned to their language, culture, sharp visual experience and the facility for partner communication, heading toward the proposal of multiplier agent formation.

**Key worlds** – Deaf, Sexuality, STD/AIDS, Preventive Education, Action-Research

## RESUMEN

BENTO, I.C.B. – **Educación Preventiva en Sexualidad, IST/Sida para el Sordo a través de la Investigación-Acción**, 104 p.- Tesis (Doctorado). Escuela de Enfermaje de Ribeirão Preto, Universidad de São Paulo, 2005.

Este estudio se trata de una investigación cualitativa, mediada por la metodología de la investigación-acción, fundamentada en referencial teórico-metodológico de Paulo Freire. Ésa tiene por objeto levantar problemas vividos por una población específica de sordos, adultos jóvenes frente a la sexualidad y a las IST/sida, a través de la comunicación por la Lengua de Señas Brasileña (LIBRAS); crear junto a ellos posibilidades de construcción, implementación y evaluación de acciones educativas, frente a situaciones problemáticas, creando subvenciones a la reflexión para un cambio de actitud frente a las dificultades identificadas, con vistas al desarrollo de la autonomía, de la elección responsable y ciudadana relativa a la vida sexual, a la negociación del sexo seguro y a la prevención de las IST/sida. Se discute la necesidad de un trabajo vuelto específicamente a esta población que es peculiar, debido a la exclusión existente y por la propia dificultad de la comunicación. Se analiza la construcción de un referencial que pueda dar cuenta de la implementación de un proceso educativo y al mismo tiempo dando respaldo para el abordaje crítico y científico del mismo. Esto ha suscitado instrumentalización para tratar con esta cuestión exigiendo de la investigadora frecuentar y concluir curso de LIBRAS para favorecer la interacción horizontal. La entrevista ha sido aplicada de acuerdo con los preceptos éticos y el rigor científico. Se ha verificado una dificultad por lo que respecta a los contenidos curriculares en relación al cuerpo humano, bien

como el embarazo y parto. Relativamente a la sexualidad, esta palabra no era de conocimiento de los sujetos investigados, en cuanto a la práctica del sexo solamente uno de ellos no había tenido experiencias en este sentido y como método de protección para el sexo, el condón, el casamiento, la fidelidad y la píldora anticonceptiva eran los conocidos por ellos. Con respecto a las IST/sida y a las otras cuestiones se ha desprendido la necesidad de informaciones complementarias para el ejercicio de una sexualidad segura y responsable. Han sido efectuadas, descritas y evaluadas las acciones educativas implementadas concluyéndose que los sordos son una población que demanda una educación preventiva para las temáticas estudiadas de forma dinámica, contextualizada y vuelta para su peculiaridad, o sea, su lengua, su cultura, su experiencia visual esmerada y su facilidad de comunicación con sus pares, yendo de encuentro a la propuesta de formación de agentes multiplicadores.

**Palabras Claves:** Sordos, Sexualidad, IST/Sida, Educación Preventiva, Investigación-Acción.

<b>SUMÁRIO</b>		
1	<b>INTRODUÇÃO</b>	13
2	<b>BUSCANDO REFERENCIAIS TEÓRICOS NA IMPLEMENTAÇÃO DAS QUESTÕES DE EDUCAÇÃO DO SURDO TENDO EM VISTA SUA SEXUALIDADE</b>	16
2.1	O SURDO E SUA CULTURA	21
2.2	O SURDO E SUA EDUCAÇÃO	26
2.3	O SURDO E SUA SEXUALIDADE	33
2.4	A EDUCAÇÃO VOLTADA À SEXUALIDADE, IST E AIDS	37
3	<b>OBJETIVOS</b>	41
4	<b>METODOLOGIA</b>	
4.1	O DESENHO DA PESQUISA Justificativa da opção metodológica	42
5	<b>APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS</b>	64
6	<b>IMPLEMENTAÇÃO DA AÇÃO PEDAGÓGICA</b>	82
6.1	AVALIANDO A AÇÃO PEDAGÓGICA	87
7	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	93
	<b>REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO</b>	97
	<b>ANEXOS</b>	101

## 1 - INTRODUÇÃO

O presente trabalho originou-se de uma inquietação pessoal da pesquisadora que, inserida no contexto de educação preventiva para sexualidade - IST (Infecções Sexualmente Transmissíveis) e aids -, deparou-se com uma comunidade especial dentro de nossa sociedade: os surdos. Se abordar as temáticas descritas com uma população ouvinte que tem acesso a inúmeras informações pelo simples fato de ouvir já é extremamente desafiador, como pudemos perceber em nosso trabalho de Mestrado (BENTO, 2000), podemos imaginar como seria com uma população especial, com características próprias e necessidades diferentes no que diz respeito à comunicação: isto por si só se torna intensamente instigante, carecendo de atenção e cuidado especial.

Ao se voltar para a especificidade do surdo, Ferreira Brito *in* Bernardino (2000), afirma a existência de três filosofias educacionais voltadas a ele: o oralismo, que defende o aprendizado apenas da língua oral, o bilingüismo, que defende o aprendizado da língua de sinais como primeira língua ou língua nativa, e a comunicação total, que, reconhecendo o surdo na sua diferença e especificidade, lança mão de várias alternativas para a comunicação ser efetivada.

Conforme o autor acima, a primeira proposta fundamenta-se na “recuperação” da pessoa surda, sendo esta denominada “deficiente auditivo”. No caso do bilingüismo,

[...]a língua é considerada importante via de acesso para o desenvolvimento do surdo em todas as esferas do conhecimento, propiciando não apenas a comunicação do surdo com o ouvinte, mas também com o surdo, desempenhando também a função de suporte do pensamento e de estimulador do desenvolvimento cognitivo e social. (BERNARDINO, 2000:29)

A proposta deste estudo é, no mínimo complexa, tendo em vista o pequeno investimento da educação preventiva em sexualidade, IST e aids, direcionada aos surdos, utilizando-se da Língua Brasileira de Sinais e de dinâmicas problematizadoras como forma de promover a inclusão social do surdo na sociedade ouvinte, sobretudo para as questões que se relacionam com sua saúde sexual e reprodutiva.

Para o desenvolvimento deste trabalho, encontramos na pesquisa-ação um método favorável ao levantamento de problemas e à busca de soluções por meio de estratégias pedagógicas alternativas, contemplando assim a participação, a comunicação e a linguagem, em conjunto com o pesquisador e o pesquisando, para a construção de conhecimentos e de habilidades, de forma crítica e reflexiva. Isto possibilita o envolvimento com hábitos e atitudes em relação à pessoa surda, favorecendo o comportamento consciente, seguro e responsável na vivência da sexualidade, subsidiando assim, o exercício pleno da cidadania. Uma ação conjunta ficaria incompleta com nossos sujeitos, caso o pesquisador não envidasse todos os seus esforços para aproximar-se de sua cultura, de sua língua e de sua forma peculiar de comunicação.

Sabemos que a atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em seus artigos 58 e 59, também se volta para as pessoas com necessidades especiais, preconizando a existência de serviços de apoio, métodos, técnicas, recursos adequados, bem como de professores com especialização para o atendimento a estas pessoas, nelas incluídos os surdos. Porém ainda é insipiente o atendimento a estas prerrogativas, e os surdos, em sua grande maioria, fica à margem de gozar plenamente de seus direitos, inclusive o acesso ao conteúdo curricular escolar,

justamente pela dificuldade em se adequar à linguagem utilizada às suas necessidades peculiares (NISKIER, 1997; SOARES, 1999).

A informação a qual o surdo tem acesso é, portanto, fragmentada e insuficiente para subsidiar a compreensão plena sobre os diversos assuntos, inclusive sobre a saúde reprodutiva e questões como prevenção as IST/aids, que por si só já são consideradas tabus.

Neste estudo houve, primeiramente, uma preocupação em buscar um embasamento teórico que sustentasse a abordagem adotada, ou seja, a pesquisa-ação. Assim, autores que trabalharam com surdos foram pesquisados, com a finalidade de entender a cultura, as propostas educacionais direcionadas a eles e, assim, compreender os determinantes que pudessem influenciar os aspectos da educação preventiva relacionados à sua saúde reprodutiva.

Foram analisados os dados das respostas emitidas através de categorização, para nos aproximarmos do universo da cultura, educação e sexualidade do surdo, elaborando categorias que melhor descrevessem estes elementos.



## **2 – BUSCANDO REFERENCIAIS TEÓRICOS NA IMPLEMENTAÇÃO DAS QUESTÕES DE EDUCAÇÃO DO SURDO, TENDO EM VISTA SUA SEXUALIDADE.**

Autores como Ranauro & Sá (1999) e Greenwood & Levin (2000) afirmam que muitos grupos não têm impactos significantes no foco da pesquisa universitária. Os membros da comunidade, organizações de pequena escala, minorias e outras pessoas pobres ou desprotegidas que desejam assistência nas questões de ampla mudança social têm procurado por soluções para os problemas diários: pobreza, vício, racismo, preconceitos, degradação ambiental e assim por diante em contextos particulares. Não importa para elas se uma universidade é privilegiada com mais fundos governamentais do que outra, ou se é mais influente através de suas publicações científicas; sua preocupação é se elas podem conseguir ajuda na produção de pesquisas que possam auxiliar a resolver os seus problemas. Testes de significância, resumos volumosos de pesquisa e prestígio aos olhos de outros acadêmicos não são centrais aos seus interesses – resultados sim.

Entendemos que estes grupos sociais, pertencendo ao meio e à extremidade inferior do espectro de poder da sociedade, estão inadequadamente conectados às universidades e raramente influenciam as agendas de pesquisa. É provável que dada a presença de outras pressões na direção da pesquisa universitária a partir do governo e dos grandes protagonistas do setor privado, não seja surpresa que a pesquisa socialmente relevante esteja marginalizada dentro das universidades. Isso significa que a maioria das pessoas não pode procurar por assistência nas universidades para solucionar seus problemas mais prementes. Caso tenham sorte, elas podem enviar seus filhos às universidades e esperar que eles sejam capazes

de se juntar à elite desse modo, mas elas têm aprendido que, geralmente, não podem esperar assistência direta de muitos pesquisadores acadêmicos para solucionar seus próprios problemas.

Segundo dados do INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos), a integração de alunos surdos nas universidades, apesar de haver desde 1999 a portaria nº 1.679, do Ministério da Educação, que assegura os direitos no âmbito educativo aos portadores de alguma deficiência, apenas mais recentemente as instituições de ensino têm se estruturado afim de cumpri-la. Hoje, a universidade com maior número de surdos no Brasil é a Ulbra (Universidade Luterana do Brasil), no Rio Grande do Sul, com 85 alunos, em 23 cursos diferentes.(INES, 2004)

Urge que organizações governamentais e instituições da organização civil, apoiadas pelas universidades pautadas numa ética que, segundo Freire (2001:17) “...é inseparável da prática educativa...”, se unam na luta pelos direitos das pessoas com necessidades educativas especiais. Cabe aqui, de acordo com Ranauro e Sá (1999), não apenas contemplar ações de cunho assistencialista e protecionista, e sim aquelas que visem à transformação da sociedade para uma mais igualitária e justa, que ofereça oportunidades de inclusão a todos, pois não proporcionar condições para uns, é sem dúvida, privilegiar a outros.

Cientes desta realidade temos buscado não só abordar em nosso trabalho a questão dos surdos, mas, também, fazê-lo de uma maneira realmente eficaz, tanto do ponto de vista dos resultados pedagógicos como de uma forma ética, que, segundo Freire (2000) é aquela “...afrentada na manifestação discriminatória de raça, gênero, classe...” e, por que não dizer, também, de manifestações culturais distintas.

No entanto, não são muitas as pesquisas nesta área, e, justamente porque a população surda não tem acesso às universidades pelo simples fato de não dispormos de uma política pública de acesso igualitário do *portador de necessidades especiais*, esta realidade passa despercebida, no silêncio, submersa, como um grande *iceberg*.

Historicamente, sabemos que a tradição médico terapêutica tem há muito influenciado a definição da surdez, e por conseguinte a abordagem educacional aos surdos, a partir do déficit auditivo e da classificação da surdez (leve, profunda, congênita, pré-lingüística, etc.), mas deixou de incluir a *experiência* da surdez e de considerar os contextos psicossociais e culturais nos quais a pessoa surda se desenvolve.

Uma pessoa surda é alguém que vivencia um déficit de audição que o impede de adquirir, de maneira natural, a língua oral/auditiva usada pela comunidade majoritária e que constrói sua identidade calcada principalmente, nesta diferença, utilizando-se de estratégias cognitivas e de manifestações culturais diferentes da maioria das pessoas que ouvem (SÁ, 2002).

Vale ressaltar que o termo surdo é aquele com o qual a pessoa que não ouve refere-se a si e a seus pares, por isso é o termo que preferimos utilizar neste trabalho, ao invés de *deficiente auditivo*, por considerar tanto mais a diferença e não a deficiência.

Capovilla (2001:1520) adota o termo *surdo* como aquele que designa a pessoa portadora da condição médica de deficiência auditiva, enquanto o termo *Surdo* designa a pessoa que pertence à condição antropológica de membro da Comunidade Surda, que se identifica com seus valores culturais e se distingue pelo uso da Língua de Sinais.

Com relação às questões de sexualidade e IST/aids, os preconceitos e a desinformação têm causado graves conseqüências para a saúde em geral, suscitando, de todos, conhecimentos adequados para a condução de uma saúde sexual consciente e responsável, destacando a relevância do autocuidado. Atualmente, essas questões passam, como todas as outras educativas, por novos paradigmas, na busca de uma visão mais crítica e reflexiva da sexualidade humana, sobretudo por influência do surgimento da aids, que vem contribuir para o desvelar desta temática, ocasionando mudanças de comportamento para o sexo seguro, visando reverter o quadro pandêmico e epidêmico, severamente existente (BUENO *et al.*, 1994; BUENO, 1997-8; FRANCISCO *et al.*, 1999).

Segundo PIMENTA *et al.*(1998: 8):

Ser vulnerável, no contexto de HIV/AIDS, significa ter pouco ou nenhum controle sobre o risco de adquirir o HIV ou outra DST. Quando falamos de vulnerabilidade não estamos identificando quem está correndo maior risco de se expor as DST, AIDS ou fazer uso de drogas, mas sim, procurando fornecer informações de forma que cada pessoa ou grupo específico perceba se tem maior ou menor chance de se infectar ou de se proteger.

Sendo assim, são várias as situações que podem estar relacionadas com o comportamento de vulnerabilidade e suscetibilidade de toda a população, principalmente os adultos jovens, e, no caso, da população surda, a necessidade de auto-afirmação, aceitação social dentro da comunidade ouvinte, percepção concreta da realidade em sua volta, principalmente pela compreensão restrita das informações veiculadas pelos meios de comunicação.

Neste contexto, é importante que adolescentes e adultos jovens surdos desenvolvam conhecimentos e habilidades que os auxiliem na adoção de comportamentos que previnam a infecção pelas IST/aids. Desta forma, vemos que

propostas direcionadas a trabalhar com adultos jovens surdos devem promover o desenvolvimento destes conhecimentos específicos, como forma de exercitar a tomada de decisão mais acertada para a resolução de problemas, uma vez que oferecer informações isoladas não é suficiente para tal. Por conseguinte, sentimos a necessidade de trabalhar estas questões com esta população.

Conforme o exposto e tendo em vista que o adulto jovem se constitui de um contingente populacional extremamente vulnerável às questões mais amplas da sexualidade, principalmente os surdos, pela dificuldade em ter acesso à informação de forma adequada, esse sujeito necessita de conhecimentos e habilidades específicas sobre a temática central, para lidar consigo mesmo e com o outro. Pressupondo os riscos que os envolvem, como a vivência de uma sexualidade desinformada, por conseguinte uma gravidez não planejada, com possibilidade de aborto provocado, e IST/aids, entre outros, aos quais eles vêm se expondo no exercício de sua sexualidade e o possível despreparo deles para lidarem com estas questões, isto só justifica a presente investigação.

## 2.1– O SURDO E SUA CULTURA

Não cabe aqui discutir em profundidade referenciais teóricos que enfoquem a questão da cultura surda, e sim discutir uma das vertentes epistemológicas que abordam a cultura e seus determinantes.

O objetivo de considerarmos neste estudo a problemática do surdo em sua questão cultural não é o de valorizar a segregação de grupos minoritários à margem da sociedade, mas, ao contrário, o de que, considerando a diferenciação lingüística como necessária para possibilitar o desenvolvimento “normal” da cognição, da subjetividade, da expressividade e da cidadania da pessoa surda (pois a língua é um veículo importante na manifestação e desenvolvimento cultural), estaremos avançando na direção do resultado final do processo que é a verdadeira integração social do surdo.

Mesmo sendo óbvio que os surdos assimilam aspectos da cultura dominante que os circunda, é importante e devemos entender que estes são experimentados e compreendidos a partir da experiência legítima, nativa, da surdez. Então é importante o reconhecimento de “especificidades culturais” manifestadas na língua, nos hábitos, nos modos de socialização e de funcionamento cognitivo que dão origem a uma “cultura” diferente (como em nosso país existem cultura do nordestino, cultura do sulista etc) (SÁ, 2002).

Dentro de uma cultura maior que organiza seu comportamento (modo de vestir, andar, comer, etc), o surdo tem outros códigos de cultura que dão sentido à sua vida e diferenciados valores simbólicos enquanto pessoa surda (SÁ, 1999; 2002).

Segundo analisou Nidia Limeira de Sá

Valorizar o modelo ouvinte na educação de surdos é uma imposição subjetiva (às vezes objetiva) sobre as identidades dos surdos, sobre sua subjetividade, sobre sua auto-imagem, ou seja: é forçar para que ele perca sua identidade, para que sua diferença seja assimilada, disfarçada (SÁ, 2002: 173).

Para Maturana (1998), a linguagem como fenômeno não ocorre na cabeça nem consiste num conjunto de regras, mas ocorre num espaço de relações e pertence ao âmbito das coordenações de ação.

O valor da linguagem está na possibilidade do desenvolvimento social, intelectual e emocional do ser humano. Por meio da comunicação social, as pessoas se fazem entender, compartilham experiências e planejam a condução de suas vidas, vivem a experiência cultural, são providas de explicações sobre coisas e sobre as razões do comportamento das outras.

A surdez, segundo Vygotsky (1984:89), seria “...um estado normal e não patológico para a criança surda, e o defeito só é sentido de um modo mediatizado, secundário, como resultado de sua experiência social refletida.” Isto se reflete diretamente na questão da identificação do surdo enquanto indivíduo pertencente a um grupo distinto.

A idéia da surdez como patologia tem impossibilitado muitos avanços na educação e integração real do surdo na sociedade, pois, sendo vista como *falta de algo*, considera o surdo como *menor, menos habilitado, deficiente*, adjetivos pelos quais os surdos não aceitam serem rotulados.

Os processos identificatórios da criança surda começam na interação com outros surdos: neste relacionamento, a criança surda pode não apenas adquirir de modo natural a língua de sinais, mas também assumir padrões de conduta e valores da cultura da comunidade surda. Esta não seria uma questão tão importante se não

fossem os dados de pesquisas citados por Sá (1999 e 2002) e Soares (1999), as quais apontam que 96% da população surda no mundo constitui-se de surdos filhos de pais ouvintes.

Os surdos, organizados em comunidades, consideram que o que evidencia pertencerem à comunidade surda é o uso da língua de sinais, devido ao valor que lhe é atribuído como instrumento de comunicação, de troca, de reflexão, de crítica, de posicionamento, pois não se conceberia uma significativa e natural interação entre surdos que utilizassem uma língua oral, mesmo na modalidade sinalizada.

Segundo Sá (1999), a abordagem educacional oralista não enfatiza o que o surdo tem, mas o que lhe falta. A abordagem define-se por uma modalidade não natural ao surdo, sem considerar o fato de que esta não possibilitará interações lingüísticas nos níveis mais profundos da comunicação. Sendo assim, as possibilidades de auto-realização da pessoa surda, o desenvolvimento de sua auto-estima, o desenvolvimento cognitivo, o equilíbrio emocional, bem como o estabelecimento de interações comunicativas com outras pessoas que não são de seu convívio, ficam muito prejudicados.

Tais dificuldades de relacionamento levam os surdos, historicamente falando, a um afastamento da sociedade e à aglutinação em associações de surdos, local de proteção para eles, apesar de, como toda comunidade humana, terem tendências a desenvolver regras de inclusão e exclusão, não sendo, logo, modelos perfeitos como há de se supor.

Para Sá (2002), a história dos surdos é um produto de sua resistência aos significados sociais dominantes. Citando Skliar (1998), a autora afirma que os



surdos, para resistir ao poder do ouvintismo<sup>1</sup>, serviram-se de expedientes como o surgimento de associações de surdos enquanto territórios livres do controle ouvinte sobre a deficiência, a preferência aos matrimônios endogâmicos, a comunicação em língua de sinais nos banheiros das instituições, o humor surdo entre outros, são exemplos de outras interpretações da ideologia dominante.

Quando as pessoas surdas conscientizam-se de que pertencem a uma comunidade/cultura diferente ou de diferentes, isto lhes fortalece para oferecer resistência às imposições de outras comunidades/culturas dominantes (SÁ, 2002).

Na opção por uma abordagem socioantropológica bilíngüe-bicultural, ou posteriormente, Sá, em seus estudos, ampliando seu foco para o multiculturalismo, considera a pessoa surda bilíngüe como aquela que pode utilizar-se de uma ou outra língua em situações diferentes e, além disso, tem suas atitudes e crenças influenciadas por outras culturas (SÁ, 1999).

As especificidades culturais da comunidade surda não seriam, a priori, impedimento para os surdos estarem numa escola de ouvintes (como não impedem que crianças filhas de imigrantes, por exemplo, que tenham em suas famílias outra língua e outra cultura estejam em escolas comuns). Isto, ao contrário, acabaria sendo um aspecto importante, pois possibilitaria ao grupo um sentimento de coesão e força muito importante para o desenvolvimento da identidade desses sujeitos a partir das especificidades que os caracterizam enquanto grupo cultural diferenciado que precisa ser respeitado.

Uma experiência interessante relatada por Bernardino (2000) em seu trabalho é a da Comunidade indígena Urubu-Kaapor, da floresta amazônica, em que há certo

---

<sup>1</sup> Expressão utilizada por Carlos Skliar que se define como “um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte”(SÁ, 2002: 73)

número de surdos monolíngües: para se comunicarem com seus irmãos surdos é a comunidade quem aprende a Língua de Sinais Kaapor Brasileira (LSKB).

Acreditam alguns que as línguas de sinais foram inventadas por professores de surdos como recurso educacional ou comunicativo, desconhecendo que, pelo contrário, as línguas de sinais são fruto de um processo construído, histórica e socialmente, pelas comunidades surdas e transmitidas através das gerações (FERNANDES, 2003).

Segundo escreve Capovilla (2001), Wilhelm Wundt, em 1911, foi o primeiro a defender a concepção da Língua de Sinais como um idioma autônomo, e de Surdo como povo com cultura própria. Ainda hoje, mesmo já tendo sido mundialmente reconhecida como tal, ainda existem dificuldades no atendimento aos surdos na interpretação e utilização prática de sua língua, pelo menos no Brasil.

Ao contrário do que se pensa no geral, a língua de sinais não é uma cópia ou uma sinalização da língua oral, mas, ao contrário, apresenta uma estrutura própria, complexa e completa. Quando um certo conceito é incorporado por uma comunidade surda, e para este conceito um sinal específico não é conhecido, ela o inventa; e o que torna, para algumas pessoas, a Língua de Sinais Brasileira restrita, é apenas o fato de que a maioria dos surdos não tem acesso ao universo conceitual da cultura dominante como deveria, por meio da educação.

## 2.2– O SURDO E SUA EDUCAÇÃO

Educar para a liberdade: este é um objetivo importante a ser perseguido no mundo que almejamos viver, pois a democracia somente é considerada como tal quando permite o exercício da escolha. A fim de que o ser humano possa escolher é necessário que lhe seja assegurada a liberdade, pois sem liberdade não se pode escolher. A lei favorece a liberdade e a educação a completa. A liberdade não se separa do princípio de igualdade de oportunidades para todos e uma das limitações mais impiedosas da liberdade é a ignorância – o ignorante não pode ser inteiramente livre, depende de outros e não está aparelhado para exercer em toda plenitude seu direito de escolha. Só a educação tomada no seu sentido integral pode garantir ao Homem a possibilidade de usufruir na prática seu direito de escolher (REIS, 1990).

“O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros” (FREIRE, 2001: 66).

A linguagem e a comunicação estão no centro de todo trabalho educacional e são as chaves para intervenções educativas bem sucedidas, por isso discutiremos a relevância destas para o assunto que estamos abordando.

Não cabe aqui, neste trabalho, um estudo exaustivo sobre qual seria o melhor método de ensino para o surdo, se através da fala, gesto ou qualquer que seja outra abordagem possível. Porém, não sendo a surdez impedimento para a aquisição de conhecimento escolar, conforme a literatura aponta para este fato desde o século XIII, vimos a necessidade de descrever a trajetória da educação dos Surdos para, sob este ponto de vista, entender as alternativas disponíveis a fim de que eles

possam usufruir de seu direito fundamental de acesso à educação formal e sexual enquanto cidadãos.

Interessante é ressaltar que os surdos, durante séculos, foram alvo de preconceitos com relação à sua possibilidade de educar-se. Conforme aponta Capovilla (2001), os textos clássicos, tanto sacros como seculares, davam o aprendizado através da audição como única possibilidade viável, relegando aos surdos um status de pessoas não educáveis. Partindo dos textos aristotélicos, podemos perceber que era negada ao surdo qualquer possibilidade de instrução, pois consideravam a palavra como a única forma de expressão da verdade e da sabedoria.

Se examinarmos, de igual modo, no texto das escrituras onde o Apóstolo Paulo salienta que a fé vem pelo ouvir a palavra de Cristo, esta afirmativa pode ser ressaltada, o que, talvez tenha inspirado religiosos do mundo todo a trabalhar com surdos, procurando viabilizar um meio de comunicação entre o mundo ouvinte e eles, e vice e versa. Destes religiosos, os que mais se destacaram foram o abade Charles Michel de L'Épée, na França, o reverendo Thomas Hopkins Gallaudet, nos Estados Unidos - local onde hoje existe uma Universidade exclusivamente para surdos - e o padre Eugene Oates, no Brasil.

A história da educação dos surdos tem uma trajetória que, segundo Sá (1999), começa semelhantemente à história de outros segmentos minoritários de pessoas que se caracterizam por alguma diferença, pois existe a dificuldade de se aceitar o diferente, o trabalhoso, o imperfeito. Dentro deste percurso histórico, as primeiras pessoas a se interessarem pela educação de surdos, paradoxalmente, não foram profissionais da educação e sim da saúde. Na ânsia de ver resolvidos os problemas da surdo-mudez, houve, na educação de surdos, a presença constante

de anatomistas e médicos, além dos religiosos, ou seja, componentes de medicalização e assistencialismo.

Na antiguidade, dedicavam-se ao estudo de possibilidades de aprendizagem dos surdos, primeiramente através da escrita, o que, segundo eles, substituiria a fala, viabilizando o contato social, e também da fala através dos métodos de oralização e leitura labial. Nomes como o dos médicos John Wallis (1616-1703), Johann Conrad Amman (1669-1724), Jean Marie Gaspar Itard (1775-1838) entre outros, podem ser citados.

Este fato pode justificar o até hoje ainda persistente atendimento no modelo médico assistencial que se verifica nas instituições de atenção ao surdo, com a nomeação dos atendidos de *meu paciente*, por exemplo, ou mesmo da atitude introjetada de que, "...sendo a surdez uma anomalia permanente, o surdo-mudo carece de ajuda constante, neste sentido, a atitude assistencial impede a autonomia" (SOARES, 1999: 108).

Alguns comentários são válidos a respeito destas formas de educação do Surdo. Discutiu-se no Brasil imperial se a escrita seria o melhor método de comunicação, principalmente, onde predominava o analfabetismo, justificando a priorização da oralização ou *palavra articulada* como forma mais adequada de ensino, não fazendo nenhuma menção à instrução escolar, pois, nesta época, a *redenção* seria alcançada por meio de sua normalização, ou seja, a partir do momento em que conseguisse falar.

Outros profissionais como preceptores e estudiosos de língua também tiveram sua participação. Soares (1999) descreve minuciosamente toda a trajetória da educação dos surdos do mundo, salientando que prioritariamente foi eleita a escrita como método substitutivo da fala, principalmente entre os séculos XVI e XVII,

quando os surdos eram atendidos individualmente - com raras exceções como no caso de Pedro Ponce de Leon (1510-1584), que, quando atuava na ordem dos beneditinos, foi enviado a uma província da Espanha para trabalhar com uma dezena de crianças pertencentes a famílias importantes da corte. Com exceção deste, os trabalhos com educação de surdos realizados em instituições somente ocorreram no final do século XVIII. Segundo Soares (1999) foi o trabalho de L'Épée, com início em 1760, no Instituto Nacional de Surdos-Mudos de Paris, o responsável pelo predomínio do método gestual não por convicção (pois acreditava ser a leitura labial e a expressão da oralidade os melhores métodos de restituição dos surdos à sociedade), porém, por excesso de alunos em sua escola, viu-se obrigado a desenvolver uma linguagem gestual que permitia a realização de uma instrução rápida.

Soares (1999) e Capovilla (2001) concordam quando apontam o Congresso de Milão, em 1880, como um marco na Educação para o Surdo. Foi a partir deste evento que o oralismo tornou-se hegemônico, senão a única técnica por muitos anos utilizada, quando no Instituto Nacional de Surdos Mudos de Paris (principal referência mundial da época no ensino do Surdo) os Professores surdos foram retirados paulatinamente, a Língua de Sinais banida por representar um perigo para o desenvolvimento da linguagem oral, e a comunidade surda excluída das políticas das instituições que tinham como modelo esta segunda.

A concentração neste tipo de aprendizagem exclusivamente por meio do oralismo ou *Método oral puro*, como definiam os autores da época, causou um retrocesso no nível educacional dos Surdos, pois, com a ênfase na oralização e em seus déficits, os Surdos passaram a ser tratados apenas como deficientes auditivos surdos-mudos, e a educação mais generalista foi esquecida em prol do

desenvolvimento da linguagem oral apenas. Como resultado, observou-se ao longo do tempo um rebaixamento significativo do desempenho cognitivo dos surdos (CAPOVILLA, 2001).

No Brasil, sob a orientação do professor Tobias Leite, no Instituto Nacional de Surdos Mudos, no Rio de Janeiro, fundado em 1857 (única instituição de educação de surdos mantida pelo governo federal), optou-se por priorizar, na década de 1870 a 1880, o ensino profissional do surdo mudo, seguindo o movimento desenvolvimentista do país, formando indivíduos úteis manualmente para a sociedade, trabalhando a linguagem oral como base para a adaptação do surdo ao mundo social, porém com ênfase na filantropia, na caridade.

O direito à educação esteve, a partir da Revolução Francesa, associado aos direitos da igualdade e da liberdade, o que se expressava pelo pensamento de que *um povo esclarecido é um povo livre*, mas, em nenhum momento, esta escola que possibilita a igualdade e a liberdade foi confundida com as instituições de surdos-mudos. A educação especial então toma outro direcionamento diferente da educação comum, *dos normais*, como define Soares (1999) em seu trabalho.

No ano de 1957, o Instituto sofreu várias transformações, inclusive tendo então seu nome modificado para Instituto Nacional de Educação de Surdos, expressando aparentemente o caráter educativo e não tão assistencial para o qual foi direcionado. A opção pelo oralismo na educação de surdos vinha, desta vez, acompanhada de um ufanismo em relação à sua educação, ou seja, por meio de um determinado método, os surdos seriam normalizados, escolarizados e tornar-se-iam cidadãos iguais aos outros, impedindo a real compreensão dos processos de marginalização da pessoa deficiente (SOARES, 1999).

Conforme nos aponta Sá (1999), a orientação para o oralismo, que perdurou por um século, levou um enorme contingente de surdos a uma situação de completo fracasso escolar e à exclusão social.

Foi a partir da década de 1960 que o insucesso do método oral puro passou a ser revisto com mais cautela. Por meio das pesquisas de Willian Stokoe, criaram-se as bases para o estudo científico da língua de sinais enquanto sistema lingüístico, mas apenas na década de 1980 se reconheceu a importância das línguas de sinais como forma de comunicação efetiva dos surdos.

Surgiu então a *Comunicação Total* que, enquanto filosofia educacional, ampliou as possibilidades dos surdos em termos de comunicação social, entendendo que o enfoque principal em todas as relações com a pessoa surda deve ser a efetiva comunicação obtida por meio de todos os recursos disponíveis. Porém houve controvérsias no que diz respeito à interpretação do significado desta, vista no princípio não como um método, mas como um enfoque pedagógico, ou, como escreve Sá (1999), uma postura filosófica perante o surdo, introduzindo o português sinalizado, dentre os recursos, criando um certo desconforto tanto no que tange às comunidades surdas quanto a estudiosos da lingüística. O português sinalizado, segundo estes, traria prejuízos na compreensão do português e da língua de sinais, pois mistura as estruturas das duas línguas utilizadas.

A referência à *Comunicação Total* como sinônimo de bimodalismo - aquele que faz uso simultâneo ou combinado de sinais gesto-visuais extraídos da Língua de Sinais ou de outros sinais gramaticais que não estão presentes nela, mas que são incluídos para auxiliar na tradução da língua oral - geralmente é feita por pessoas que não são adeptas dessa visão. Os seus defensores fazem questão de que o seu



entendimento seja mais amplo, como uma alternativa educacional e não propriamente como um método (SÁ, 1999).

Para que se dê conhecimento, tanto de conteúdos curriculares quanto de outros que dizem respeito à vivência mais ampla de aspectos da vida dos surdos, faz-se necessária a compreensão mais aprofundada desta construção, isto posto, segundo Tartuci (2003:2):

A construção do conhecimento tem caráter social e depende das condições propiciadas, da qualidade das interações e das relações dialógicas estabelecidas entre os sujeitos no âmbito da escola. Considerando os alunos surdos, este desenvolvimento pode ser dificultado pelas experiências sociais limitadas, em função da falta de uma língua comum entre surdo e ouvinte, ou mesmo pela própria falta de domínio efetivo de uma língua (língua brasileira de sinais ou português) por parte do surdo.

Paulo Freire (2001) afirma que o professor, ou mais amplamente, a escola, tem o dever de respeitar os *saberes* com que os educandos chegam a ela, porém, ainda que a expectativa não seja a de que todos os ouvintes aprendam a Língua de Sinais, é imprescindível que pelo menos os profissionais da educação de surdos caminhem nessa direção, entendida como uma das condições para realizar um efetivo trabalho junto a esta comunidade e pautados no direito que têm todos os cidadãos de receberem da e na escola uma educação com dignidade e respeito.

## 2.3– O SURDO E SUA SEXUALIDADE

Sabemos que a sexualidade é apenas um dos aspectos da vida do homem e da mulher, mas também não podemos negar que é um dos mais importantes, pois, como escreve Abdo (2004), em torno de 96% dos brasileiros consideram a atividade sexual *importante/importantíssima*. Segundo a autora,

[...]só o amadurecimento físico e emocional[...], um bom padrão de conhecimento sobre o assunto, bem como hábitos saudáveis de vida e saúde geral preservada podem garantir êxito na satisfação e no desempenho da sexualidade. ABDO (2004:198),

Segundo a mesma pesquisa citada anteriormente, as principais fontes de informações sobre sexo são livros e revistas, os parceiros, amigos, TV, e entre as mulheres, o médico.

Todos estes dados nos reportam ao que foi exposto até agora, ou seja, se o acesso à leitura, com a compreensão plena de todos os dados e informações sobre as questões de sexualidade, é restrito à maioria dos surdos, pela dificuldade na linguagem e até pelo comprometimento na cognição em decorrência disto, temos como resultado pessoas com informações deformadas, cheios de curiosidade, insatisfação e malícia.

O INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos) afirma que os pais devem ser os responsáveis pela educação e orientação sexual das crianças surdas, apesar de muito raramente isto acontecer, pois a maioria das famílias é extremamente carente, inclusive, de conhecimentos básicos a respeito de sexo ou da própria reprodução humana. Somam-se ainda a isso suas próprias experiências

traumatizantes, tabus e preconceitos originários de informações erradas e os medos e ansiedade de não saberem como proceder com os filhos.

A orientação sexual ao surdo traz algumas dificuldades a mais para a família e profissionais em geral, devido a sua limitação da linguagem, que exige informações objetivas, explicadas com simplicidade e riqueza de detalhes.

Não devemos esquecer de que o surdo detém uma maior percepção visual e apóia-se, portanto, muito mais no comportamento não verbal, pois para o surdo, a maneira de explicar vale muito mais do que a própria explicação. Por isso a atitude dos pais e dos educadores é muito importante quando acolhem as perguntas das crianças, por exemplo, com tranqüilidade e não com perturbação e irritação. Sem dúvida o constrangimento e as mudanças de expressão fazem o surdo se fixar no que está vendo, evitando posteriormente novas perguntas e concluindo que sexo é um assunto melindroso e vergonhoso (INES, 2004).

Por vezes, podemos ver, na educação sexual para os surdos, seu caráter religioso, pois, por estar relacionada, em escolas confessionais, com o atendimento espiritual, dá-se um "...disciplinamento e controle do corpo que não se mostram de uma forma evidente...", conforme nos chama atenção Lopes (2005).

Em outros trabalhos, como de Barbosa *et al.* (1999), verificamos que, em uma escola não confessional, mesmo com a prerrogativa dos Parâmetros Curriculares Nacionais, por meio dos quais se mostra necessário o trabalho com educação sexual, temas como sexualidade eram abordados de forma a não suprir os questionamentos e dúvidas que já acompanhavam, desde seus lares, os alunos surdos.

São raros os exemplos de surdos que tiveram êxito em sua escolaridade, bem como em outras esferas da vida social, fazendo haver uma expectativa negativa

diante da surdez, o que, partindo inclusive da própria família, certamente influi na formação da auto-imagem dos pequenos surdos.

Num outro estudo feito por Petean (2002) com mães de crianças surdas, as mesmas afirmaram que colocaram seus filhos na escola objetivando sua socialização e que são contra o aprendizado da língua de sinais, pois desejam que a criança aprenda a falar, demonstrando a dificuldade de lidar com a questão da surdez do filho. A escolarização é considerada pelas mães como algo importante, porém o ensino bilíngüe não é aceito, demonstrando o desconhecimento destas mães em relação aos benefícios que este tipo de educação pode trazer para o desenvolvimento de seus filhos, principalmente na sua auto-imagem e auto-estima.

A própria abordagem educacional oralista ainda utilizada, que não enfatiza o que o surdo tem, mas o que lhe falta, não considera o fato de que esta não possibilitará interações lingüísticas nos níveis mais profundos da comunicação. Assim sendo, as possibilidades de auto-realização da pessoa surda, o desenvolvimento de sua auto-estima e seu equilíbrio emocional ficam muito prejudicados.

A harmonização da sexualidade do surdo pode ser dificultada por fatores como a dificuldade no nível de comunicação, curiosidade não satisfeita, perguntas sem respostas, percepção visual acurada, dificuldade em compreender e explicar sentimentos e dificuldades no controle do ambiente. Portanto, o que é observado com freqüência no comportamento do surdo é o aumento da fantasia e a aparente exacerbação do interesse sexual, provocado por curiosidade em compreender melhor o mundo e de auto conhecer-se.

Um aspecto interessante dentro do universo cultural do surdo é a questão da aproximação necessária à intimidade. Sá (1999) chama atenção para o sussurro do

surdo, que precisa de espaço físico para manifestar sua língua, e por isso, desenvolve outros mecanismos que possam dar conta da proximidade física e não prejudiquem o relacionamento durante o período de namoro.

## 2.4 – A EDUCAÇÃO VOLTADA À SEXUALIDADE, IST E AIDS

Desde os tempos mais remotos, a sexualidade humana vem sendo trabalhada no cotidiano das pessoas de forma oculta e velada, devido a mitos, desconhecimento, preconceitos e tabus existentes, cravados ao longo do tempo na cultura dos povos em geral. Quando analisamos as questões relacionadas ao sexo, percebemos que, para muitos, ainda nos dias de hoje, há uma ligação com o pecado, a algo sujo e pecaminoso (BUENO, 1997-8:6).

Ao longo dos tempos, o panorama, principalmente da cultura ocidental vem se modificando, fortemente influenciado pela ação da mídia, que trata estes temas de forma escancarada e, sobretudo, estimula a vivência de experiências sexuais o mais cedo possível, sem, em contrapartida, favorecer uma educação eficaz acerca dos riscos decorrentes desta prática. Chega-se à conclusão de que muito se vivencia, porém pouco se fala eficazmente sobre o assunto.

Acontece, a partir deste panorama, um alto índice de aborto e gravidez precoce e/ou não desejada, principalmente na adolescência. Nas últimas décadas, isto é, de 70 para cá, surgiram estabelecimentos favorecendo encontros fortuitos, e, com a liberação da censura, expõem-se o obsceno e o pornográfico. Há mudança no conceito de família. Intensifica-se a divulgação da multiplicidade de práticas sexuais (oral, genital, anal, homo, hetero e bissexual, individual e grupal).

Conseqüentemente a este fato, disseminaram-se inúmeras IST e a aids. Isto se reverteu em um verdadeiro desafio à comunidade científica mundial, em confronto às epidemias e pandemias, como no caso da aids, que o próprio homem propiciou diante das circunstâncias vivenciais de risco (BUENO *et al.*, 1995; BENTO, 2000).

Dentro desta dinâmica de questionamentos e crítica, o histórico da sexualidade humana vem se delineando e suscitando, pois, de todos nós, homens e mulheres, uma visão reflexiva frente a este contexto.

A sexualidade humana, desde há muito, vem sendo trabalhada de forma velada no cotidiano dos indivíduos, sob a égide de preceitos culturais diversos, o que influenciou e influencia até hoje consideravelmente a forma de as pessoas lidarem com este assunto. Isto certamente tem dificultado o acesso às informações adequadas a respeito desta temática, prejudicando desta forma a saúde pública, tanto em nível pessoal quanto coletivo (BUENO et al,1995).

Atualmente, nos momentos de pós-modernidade, estas questões passam por novos paradigmas, ampliam-se para uma visão mais crítica e reflexiva da sexualidade humana, sobretudo por influência do surgimento da aids, o que contribui para o desvelar desta temática, em decorrência do aspecto de fatalidade que o próprio HIV ocasionou. Isto suscita uma pedagogia apropriada para a educação do povo, visando a favorecer as mudanças de comportamento para o sexo seguro, tendo como objetivo reverter o quadro pandêmico e epidêmico severamente existente (BUENO *et al.*, 1994; BUENO, 1997-8; BENTO, 2000).

Por outro lado, nos últimos tempos, as mulheres têm conquistado amplos e complexos espaços, em busca de sua liberação sexual, pois, ao mesmo tempo em que têm conseguido estar lado a lado com o homem no que diz respeito ao uso do próprio corpo, ainda apresentam dificuldades de trabalhar suas questões sexuais, na negociação do sexo seguro. Na guerra contra a aids, a mulher vem alcançando altos índices de contaminação, pois tem tido dificuldade de negociação do sexo seguro com seu parceiro, e, em conseqüência disto, uma vez contaminada, poderá

ocasionalmente infectar o seu bebê nos períodos gestacional e pós-gestacional, através do leite (BUENO, 1997/8; BENTO, 2000).

Desta forma, tratar de temas desta magnitude torna-se sobremaneira complexo, pois, como agentes de Saúde e Educação, além de entendermos todos os fatores determinantes das atitudes frente à temática, devemos nos deter em traçar metas e estratégias eficientes para elevação da qualidade de vida da população, tanto individual quanto coletivamente, no que diz respeito a uma saúde sexual positiva, levando em conta os comportamentos de risco no desempenho das práticas sexuais (BUENO *et al.*, 1995).

Segundo CHEQUER *in* BENTO (2000:22)

A gravidade da aids e a escalada das doenças sexualmente transmissíveis não permitem temporização; dão a urgência para motivar e encorajar os jovens a adotarem práticas seguras para evitar a transmissão das doenças sexualmente transmissíveis e da aids. O trabalho de prevenção dessas doenças, desenvolvido nas escolas e outras instituições, pode ajudar crianças e adolescentes a terem uma visão positiva da sexualidade, a desenvolverem uma comunicação clara nas relações interpessoais, a elaborarem seus próprios valores a partir de um pensamento crítico, a compreenderem o seu comportamento e o do outro e a tomarem decisões responsáveis, desenvolvendo conhecimentos e atitudes em questões relacionadas à sexualidade, DST e aids, que propiciem a escolha de um modo de vida saudável.

Para Bueno (1997-8), os tempos de aids exigem uma pedagogia apropriada que possibilite um diálogo aberto e franco entre educador e educando, estabelecendo comunicação e linguagem claras, simples e concisas, adequadas e específicas para cada população alvo, levando-se em consideração o nível de complexidade de cada faixa etária. Estas ações devem ser, então, direcionadas para um processo que flexibilize a visão do educador e que vise formar o educando,



um ser pensante e ativo, criativo e participativo, crítico e reflexivo, capaz de mudar a realidade concreta da qual faz parte como cidadão.

Como a transmissão sexual continua sendo a principal forma de exposição/transmissão para o HIV/aids no Brasil e no mundo, faz-se mister desenvolver ações preventivas significativas que visem a focar questões voltadas à sexualidade e sexo seguro, indiscriminadamente, para homens e mulheres.

Analisando e levando em consideração a importância destes referenciais para a saúde da população, em particular dos jovens, depreendemos que a Universidade tem um papel especial neste processo: trabalhar com a sociedade fornecendo meios favoráveis e satisfatórios para o desenvolvimento de conhecimentos e habilidades, com espírito analítico e reflexivo, trabalhando estas questões clara e objetivamente, de modo a propiciar instrumentalização e meios adequados para a garantia do fortalecimento de valores estruturais e psico-emocionais. Em se tratando da comunidade surda, para a qual poucas ações têm se voltado para questões referentes à sexualidade, IST e aids, vimos a necessidade de utilizarmos os recursos acadêmicos para tentarmos equacionar problemas que possam emergir deste segmento.

### 3 - OBJETIVOS

Levando em consideração estes referenciais, procuramos:

- Identificar, junto aos surdos, qual a opinião deles sobre sexualidade, sexo e meios de prevenção, bem como seus maiores problemas em relação à sexualidade e IST/aids.
- Discutir as situações de risco apresentadas pelos sujeitos, trabalhando conjuntamente a eles um programa educativo e de intervenção para levar a construção de conhecimento e o desenvolvimento de habilidades, visando mudança de comportamento nas áreas deficitárias, com posterior avaliação do processo educativo.

## **4 - METODOLOGIA**

### **4.1 - O DESENHO DA PESQUISA**

#### **Justificativa da opção metodológica**

Atualmente se faz necessária uma discussão mais ampla sobre novos paradigmas surgidos na ciência. É inegável o fato de que seria difícil não vislumbrar a mudança evidente das ciências sociais para práticas e teorizações mais interpretativas, pós-modernas e críticas. Essa orientação não-positivista criou um contexto (ambiente) no qual, virtualmente, nenhum estudo pode deixar de ser desafiado por defensores de paradigmas opostos.

Além disso, é óbvio que o número de praticantes da investigação de novos paradigmas está crescendo diariamente. Não há dúvidas de que a legitimidade dos paradigmas contemporâneos está bem estabelecida e, no mínimo, equivalente à legitimidade de paradigmas recebidos e convencionais (DENZIN & LINCOLN, 2000). Assim, esses autores defendem o tratamento de pesquisas qualitativas dentro de uma perspectiva mais abrangente e participativa, na qual, sem dúvida, este trabalho tende a ancorar-se.

Com base nesta visão reflexiva, em que não podemos vislumbrar mais o Homem como um ser isolado, compartimentalizado, biologizado, faz-se necessário um olhar globalizado e contextualizado, sem deixar que nenhum dos aspectos da vida humana se perca (BUENO, 1997-8; BENTO, 2000).

Dentro da comunidade epistêmica que compartilha dos mesmos pressupostos, da mesma visão de Homem e de sociedade, temos encontrado respaldo para nossas pesquisas, acreditando que o distanciamento do pesquisador

em relação ao seu objeto de pesquisa está longe de ser factível. Segundo Denzin & Lincoln (2000), o pesquisador qualitativo não é um observador objetivo, autoritário e politicamente neutro, se posicionando acima e fora do texto. É nisto que acreditamos realmente, pois a pesquisa qualitativa é propriamente conceitualizada como um projeto cívico, participativo e colaborativo. Este trabalho une o pesquisador e o pesquisado em um diálogo moral.

Segundo Denzin & Lincoln (2000), a investigação qualitativa é um movimento que irrompeu no meio acadêmico no início dos anos 70, abrangendo inúmeras epistemologias, políticas, métodos e inclusive críticas no campo das pesquisas sociais, que privilegiariam as disciplinas onde imperavam as pesquisas experimentais. Com o passar dos anos, este movimento tem adquirido um lugar intelectual e uma política no meio acadêmico, já contando com apoio de editores, jornais, conclave científicos, o que credibiliza as pesquisas em questão.

Os desenhos de pesquisas em educação têm se voltado para as abordagens mais qualitativas, por estas descreverem com maiores nuances as interfaces existentes. Por isso faz-se necessária a devida discussão dos fundamentos teóricos adotados.

Como perspectiva teórica entendemos "...um modo de entendimento do mundo, das asserções que as pessoas têm sobre o que é importante e o que é que faz o mundo funcionar..." (BOGDAN & BIKLEN, 1997:52). O modo como iremos utilizar o conceito de *teoria* ou *orientação teórica* está muito mais voltado para a utilização do termo de acordo com o que é dado em sociologia e antropologia. O investigador qualitativo faz interpretações e, por isso, deve possuir um arcabouço conceitual tendo em mente que a abordagem que visa à compreensão do ponto de

vista do sujeito ainda é o que menos distorce a experiência do mesmo (MINAYO, 2001).

Vemos a importância de definir sujeito,

[...]como qualquer pessoa que, no campo das questões de saúde, pode ser ouvido quanto aos sentidos e significações que atribui a eventos ligados à questão da saúde-doença, observado pelo pesquisador.” (TURATO, 2003:356)

Cientes de nossa limitação, e entendendo a aproximação existente entre a pesquisa qualitativa e um projeto multidisciplinar, pois um só domínio não basta para alcançar-se o equilíbrio, propusemos, neste item, uma incursão que nos ajude a dar coerência à coleta e análise dos nossos dados, dialogando com alguns autores, na busca do encontro com o espaço referencial deste trabalho.

Segundo Schwandt (2000), os pesquisadores quantitativos positivistas empregam a linguagem da objetividade, distância e controle porque crêem que essas sejam as chaves para a condução da real ciência social. Enquanto firmemente cremos no valor da pesquisa qualitativa que seja bem conduzida sob condições apropriadas para uma finalidade útil, também é de se notar que a versão positivista da pesquisa quantitativa é socialmente conveniente para o poder hegemônico, que poderia ser alvo, em suas ações sociais, de críticas da pesquisa social. Enquanto invoca imparcialidade e objetividade, a ciência social positivista se ausenta das arenas sociais controversas nas quais os males produzidos pela burocracia, autoritarismo e desigualdade são mostrados, ou ela minimiza esse perfil através do emprego de números ao invés de palavras.

Conforme nos afirmam Bogdan & Biklen (1997), enquanto as abordagens quantitativas encontram suas origens no positivismo de Auguste Comte, enfatizando fatos e causas do comportamento, ainda que possam encontrar diferenças teóricas

entre abordagens qualitativas mesmo dentro de uma mesma escola, a maioria dos investigadores qualitativos, de uma forma ou de outra, identificam-se com a perspectiva fenomenológica, num sentido mais amplo da palavra.

Os investigadores, baseados na fenomenologia, tentam compreender o significado que os acontecimentos e as interações têm para as pessoas em situações particulares; tentam penetrar no mundo conceitual dos seus sujeitos com o objetivo de compreender como e qual o significado que constroem para os acontecimentos das suas vidas cotidianas. Os fenomenologistas acreditam ainda que temos à nossa disposição múltiplas formas de interpretar as experiências, em função das interações com os outros, e que a realidade não é mais do que o significado das nossas experiências.

O *interpretativismo* geralmente envolve duas dimensões do Verstehen, como explica Schutz *in* Wagner (1979): Verstehen é, num nível primário, o nome de um processo complexo pelo qual todos nós em nossa vida diária interpretamos o significado de nossas próprias ações e daqueles outros com quem interagimos.

Assim como Capaldo (1998), analisando Schutz, definimos comportamento como uma experiência da consciência, que atribui significado através de atividade espontânea. Só a experiência percebida reflexivamente na forma de atividade espontânea tem significado.

Para compreendermos o comportamento humano, é necessário "...compreender as definições e o processo que está subjacente à construção destas. Os seres humanos criam seu mundo ativamente: a compreensão dos pontos de intersecção entre a biografia e a sociedade torna-se essencial..." (Gerth & Mills, *in* Bogdan & Biklen, 1997:55). De um ponto de vista interpretativista, o que distingue a ação humana (social) do movimento dos objetivos físicos é que a anterior é

inerentemente significativa. Assim, para entender uma ação social em particular (por exemplo: amizade, votos de casamento, ensino), o investigador deve compreender os significados que constituem aquela ação. Dizer que uma ação humana é significativa é assumir que cada uma delas tem um conteúdo intencional que indica o tipo de sua ação e/ou o que uma ação significa, pode ser compreendido apenas nos termos do sistema de significados dos quais ela pertence (SCHWANDT, 2000).

Como as pessoas não agem de acordo com respostas predeterminadas a objetos predefinidos, e sim os interpretam e definem, a atitude do investigador que deseja compreender o comportamento do sujeito deve introduzir-se no processo de definição através de métodos como a observação participante.

Assim como Greenwood & Levin (2000), defendemos a pesquisa-ação como uma maneira promissora de levar as ciências sociais acadêmicas a missões socialmente significantes. Não baseamos nossas alegações a favor da pesquisa ação apenas em sua suposta superioridade moral. Central em nosso argumento está a alegação de que a pesquisa-ação cria o conhecimento válido, o desenvolvimento teórico e as melhorias sociais que as ciências sociais convencionais têm prometido. A pesquisa-ação faz melhor o que a ciência social acadêmica alega fazer. Portanto, entendemos a pesquisa-ação como uma substituição frutífera à prática da ciência social convencional na academia.

A definição de pesquisa-ação, conforme Greenwood & Levin (2000), é a de uma pesquisa na qual a validade e o valor dos resultados da pesquisa são testados por meio de processos de geração e aplicação de conhecimento do pesquisador profissional-informante, colaborador em projetos de mudança social que almejem aumentar a justiça, a conveniência e a autodeterminação. Para nós, a pesquisa-ação é a única forma de pesquisa social e educacional que representa essa agenda

adequadamente. Na pesquisa-ação, os interessados da comunidade colaboram com os pesquisadores em definir os objetivos, formular as questões da pesquisa, adquirir habilidades de pesquisa, interpretar os resultados e aplicar o que é aprendido para produzir mudança social positiva. A pesquisa-ação ignora as fronteiras entre as disciplinas quando estas restringem o entendimento e a ação efetivos e defende cruzar a fronteira entre a academia e a sociedade como um princípio básico de operação.

A experiência surge em uma interação contínua entre as pessoas, seu ambiente e seus problemas, e esse processo constitui os tópicos e os objetos da pesquisa. As ações tomadas são propositais, visando chegar aos resultados desejados. Portanto, o processo de criação de conhecimento é baseado nas normas, valores e interesses do sujeito pesquisado.

Em palavras mais simples, as idéias epistemológicas subjacentes à pesquisa-ação não são idéias novas; elas por vezes têm sido ignoradas, pois alguns dos pesquisadores sociais convencionais, quer de esquerda ou de direita (e os interesses sociais a que servem – conscientemente ou não), têm rejeitado o engajamento da universidade na reforma social.

A pesquisa-ação objetiva solucionar problemas pertinentes em dados contextos, por meio da inquirição democrática, na qual, o pesquisador colabora com os interessados locais para buscar e promulgar soluções aos problemas de maior importância dos interessados. Greenwood & Levin (2000) referem-se a essa como *inquirição co-gerada* porque ela está apoiada na colaboração do pesquisador/pesquisando. Essa forma de pesquisa pode ser descrita por estes autores como se segue:



1. ela é a inquirição na qual os participantes e pesquisadores co-geram conhecimento por meio de processos de comunicação colaborativos nos quais as contribuições de todos os participantes são levadas a sério. Os significados construídos no processo de inquirição conduzem à ação social, ou essas reflexões na ação conduzem para a construção de novos significados;
2. trata a diversidade de experiência e capacidades dentro do grupo local, como uma oportunidade para o enriquecimento do processo de pesquisa/ação;
3. produz resultados de pesquisa válidos;
4. está centrada no contexto, objetiva solucionar os problemas da vida real no contexto.

Greenwood & Levin (2000) explicam cada um desses elementos de forma seqüencial.

- *Inquirição co-gerada*. Centrais à pesquisa-ação estão os processos de inquirição co-gerada, nos quais pesquisadores profissionais treinados e interessados locais reconhecidos trabalham juntos para definir os problemas a serem apontados, coletam e organizam dados e conhecimento relevantes, analisam a informação resultante e projetam intervenções de mudança social. A relação entre o pesquisador e os interessados locais é baseada em empregar as diversas bases de conhecimento de todos os participantes e suas posições sociais distintas em um problema colaborativamente. O pesquisador, geralmente, traz conhecimento de outros casos relevantes e de métodos de pesquisa relevantes e tem experiência em organizar os processos de pesquisa. Os informantes têm conhecimento extenso e de longo prazo dos problemas em mãos e os contextos nos quais eles ocorrem,

além do conhecimento de como e de com quem conseguir informação adicional. Eles também contribuem com urgência e foco para o processo, porque estão centrados nos problemas dos quais têm ansiedade para resolver. Juntos, esses parceiros criam uma potente equipe de pesquisa.

- *Conhecimento local/conhecimento profissional.* A pesquisa-ação está apoiada em uma interação entre o conhecimento local e o conhecimento profissional. Enquanto a pesquisa social e a consultoria convencionais privilegiam o conhecimento profissional sobre o conhecimento local, a pesquisa-ação não o faz. Esta é baseada na premissa de que o conhecimento profissional é importante e pode ser valioso, mas o conhecimento local é um ingrediente necessário em qualquer pesquisa. Apenas os interessados locais, com seus anos de experiência em uma situação particular, têm informação e conhecimento suficientes sobre a situação para projetar processos efetivos de mudança social. A pesquisa-ação não romantiza o conhecimento local nem denigre o conhecimento profissional. É um processo de pesquisa co-gerada, precisamente porque ambos os tipos de conhecimento são essenciais para ela.

- *Validade/credibilidade/confiabilidade.* Os pesquisadores de ação não fazem alegações sobre o conhecimento sem contexto, nem estão interessados em conseguir tal conhecimento. Credibilidade, validade e confiabilidade na pesquisa-ação são medidas pela disposição dos interessados locais para agir sobre os resultados da pesquisa-ação, portanto arriscando seu bem estar sobre a “validade” de suas idéias e o grau no qual os resultados satisfazem suas expectativas. Portanto, o conhecimento contextual, o holismo e a validade demonstrados nas garantias da ação são centrais à pesquisa ação. A alegação de validade central está

baseada na exeqüibilidade da atividade da mudança social real engajada, e o teste é se a solução real alcançada para um problema o resolve ou não.

Toulmin e Gustavsen *in* Greenwood & Levin (2000) defendem reiniciar a história intelectual ocidental logo antes da curva errada, iniciada no século XVII, com o surgimento do modelo cartesiano, no qual *saber como* (*phronesis*) foi separado do mundo da *razão, abstração e distância* – o mundo do *techne*. A pesquisa-ação retorna a pesquisa social à *phronesis*, a “saber como”, pela ação nos fenômenos e para longe do mundo do *techne* de inação e distância suposta do assunto.

- *Conhecimento centrado no contexto*. Como pode o conhecimento centrado no contexto ser comunicado eficazmente aos acadêmicos e aos outros receptores potenciais? A pesquisa-ação está focada em solucionar problemas reais. Portanto, os processos de inquirição centrais da pesquisa-ação estão conectados para solucionar problemas práticos em locais específicos. Se o “problema” for social/organizacional ou material, os resultados da pesquisa-ação devem ser tangíveis no sentido de que os participantes podem descobrir se a solução que desenvolveram realmente resolve o problema que eles próprios propuseram. O processo de inquirição da pesquisa-ação está, portanto, intimamente ligado à ação. Pela ligação da ação à inquirição em um dado contexto, essa forma de pesquisa enfatiza o papel dos inquiridores humanos como indivíduos de ação em uma situação holística.

Segundo alguns autores, os desafios da pesquisa-ação são muito mais difíceis no reino de comunicar e abstrair resultados desta metodologia de um modo, no qual, os outros que não participaram de um projeto particular (incluindo outros grupos interessados enfrentando situações comparáveis, mas não idênticas) irão entender e acreditar, e que irá lhes permitir gerar seus próprios cursos efetivos de

ação. Precisamente devido ao conhecimento ser co-gerado, incluir conhecimento e análises locais e se apoiar profundamente no contexto local, é um desafio comparar resultados por meio de casos e criar generalizações.

Muitos autores não acham que essa seja razão suficiente para entregar o território da generalização comparativa e da teorização do abstrato para os pesquisadores sociais convencionais. A abordagem da pesquisa positivista para generalização tem sido a de abstrair do contexto, ponderar os casos, perder de vista o mundo como vivido pelos seres humanos e geralmente tornar o conhecimento impossível de ser aplicado. A rejeição da possibilidade de aprender e generalizar, afinal, muito típica do interpretivismo, construtivismo e pós-modernismo, pode nos levar a uma postura intelectual insípida (GREENWOOD & LEVIN, 2000).

Para Thiollent (1995), a pesquisa-ação como pesquisa social está associada a diversas formas de ação coletiva orientada em função da resolução de problemas ou de objetivos de transformação, podendo ser aplicada em campos como Educação, Comunicação, Serviço Social entre outros.

Segundo o mesmo autor, existe a necessidade de distinguirem-se os termos pesquisa-ação de pesquisa participante, freqüentemente utilizadas como sinônimos. A primeira, além da participação, pressupõe uma ação planejada de caráter social, educacional, técnico ou outro, que nem sempre é encontrada na pesquisa participante.

Toda pesquisa-ação com certeza é do tipo participativo, ou seja, a participação das pessoas envolvidas com os problemas investigados é absolutamente necessária, sobretudo para que uma pesquisa seja denominada pesquisa-ação, uma ação por parte das pessoas ou grupo implicado, onde o pesquisador desempenhe um papel ativo no equacionamento do problema

encontrado é imprescindível. Interessante lembrar que mesmo os problemas como o de aceitação dos pesquisadores pelo grupo pesquisado têm de ser resolvidos no decurso da pesquisa: o que cada pesquisador observa nunca é independente de sua formação, de suas experiências anteriores e do próprio mergulho na situação investigada, sendo que as variáveis, na pesquisa-ação, não são isoláveis, interferindo todas elas no que está sendo observado, pois o que em si não desmerece o caráter de cientificidade desta modalidade.

Para resumir, são citados a seguir os principais aspectos da pesquisa-ação que, segundo Thiollent, é uma estratégia metodológica na qual:

- há uma ampla e explícita interação entre pesquisadores e pessoas implicadas na situação investigada;
- desta interação resulta a ordem de prioridade dos problemas a serem pesquisados e das soluções a serem encaminhadas sob forma de ação concreta;
- o objeto de investigação não é constituído pelas pessoas e sim pela situação social e pelos problemas de diferentes naturezas encontrados nesta situação;
- o objetivo da pesquisa-ação consiste em resolver ou, pelo menos, em esclarecer os problemas da situação observada;
- há, durante o processo, um acompanhamento das decisões, das ações e de toda a atividade intencional dos atores da situação;
- a pesquisa não se limita a uma forma de ação (risco de ativismo); pretende-se aumentar o conhecimento dos pesquisadores e o conhecimento ou o “nível de consciência” das pessoas e grupos considerados.

Finalmente, a pesquisa-ação, para este autor, é um tipo de pesquisa social com base empírica, em que os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo, pressupondo a necessidade de um referencial teórico para ter sentido, com permanente mediação teórica conceitual operando na investigação (THIOLLENT, 1985).

O referencial teórico-metodológico de Paulo Freire é uma opção que pode ajudar na superação da relação opressor/oprimido, pois assim os sujeitos poderão ampliar sua consciência da situação vivida, bem como a capacidade de optar e se relacionar com o mundo em que vivem. O método educativo da pesquisa-ação proposta por Paulo Freire está voltada para uma educação libertadora ou conscientizadora, propiciando o desenvolvimento do homem como um todo, tornando-o agente de sua própria transformação.

FREIRE (1993) elimina de sua pedagogia a concepção tradicional da educação, fundamentada nos métodos centrados na autoridade do educador que detém o saber. Ele propõe, outrossim, uma educação conscientizadora, que é parte da experiência e da percepção do educando. A sua trajetória metodológica pressupõe a observação participante. A interpretação dos dados poderá relacionar-se com os referenciais freireanos (1993) – quando há a proposta da análise dos temas geradores. Os dados poderão ser selecionados e codificados em temas geradores. Os círculos de discussão desenvolvem-se de acordo com a visão de uma pedagogia mais aberta, crítica e reflexiva, com seus pressupostos.

Após esta fase, deverão ser observadas mudanças satisfatórias na qualidade de vida dos sujeitos participantes. Isto poderá permitir verificar se houve o desenvolvimento da consciência ingênua para a consciência crítica em relação à sua

situação, pois deverão ocorrer transformações em sua realidade. Após o levantamento das necessidades e traçado o mapeamento da matriz dos achados, segundo Bueno (2000), é possível o planejamento, execução e avaliação do programa educativo, em conjunto pesquisador/pesquisando, atendendo os problemas emergidos na coleta de dados.

Nesta investigação, fizemos a opção por trabalharmos a pesquisa qualitativa, com cunho humanista, mediada pela metodologia da pesquisa-ação, utilizando o referencial teórico-metodológico de Freire, por deprendermos se tratar da modalidade que mais se adequou ao desenvolvimento da temática em questão. Essa nos permite levantar problemas junto com os sujeitos a serem pesquisados, por meio de uma interação do pesquisador com o pesquisando, problematizando sua cotidianidade e características peculiares, para, em seguida, elaborar, executar, avaliar e intervir com ações educativas, possibilitando troca de experiências no processo de ensino e aprendizagem.

Isto visa à construção de conhecimento, habilidades e mudança de comportamento, tendo em vista o sexo seguro, com respeito e responsabilidade, resgatando, ainda, a visão totalizadora do ser, a otimização da vida e o exercício da cidadania (BUENO, 1997-8:15).

Segundo Freire (1993:72-75), “...pensar o mundo é julgá-lo...” e, por essa razão, “a opção por uma educação que leve o educando a viver uma pedagogia que se construa ‘com ele’ e não ‘para ele’, trazendo à luz um ‘ser mais’, capaz de questionar os determinantes e condicionantes sociais e políticos, tornando-o crítico e construtivo para um mundo de respeito e de liberdade”.

Bordenave (1994:10) alerta-nos para a diferença entre a “...’educação bancária’ ou ‘convergente’ e a educação ‘problematizadora’ ou ‘libertadora’: a

primeira se preocupa essencialmente com o conteúdo a ser transmitido pelo professor a um aluno ‘fragmentado’ e ‘isolado do social’, passivo e acrítico; já a segunda, volta-se para a transformação, solução de problemas por parte do educando”, o que parece ser, de acordo com nossa prática, a mais abrangente, pois, na experiência como educadora, percebemos que o educando é portador de uma gama muito grande de informações advindas das mais variadas fontes. No entanto, quando se trata de transformar essas informações em atitudes que visem o seu autocuidado, cria-se uma lacuna, que nós, educadores muitas vezes nos sentimos impotentes para preencher.

A Educação na Pedagogia da Problematização é vista como uma política que pode confirmar ou contestar o *status quo*. Retrata uma teoria da aprendizagem e um modelo de como ensinar com métodos práticos e dinâmicos. Nela, os educadores podem encontrar uma epistemologia, uma pedagogia e uma sociologia da educação vinculadas a um chamamento em favor da democratização da sociedade e das escolas. Ela estabelece a ligação entre a sala de aula e a política de poder da sociedade, prescreve um único modelo para que seja um professor libertador e reconhece as complexidades do ensino para a mudança pessoal e social. O diálogo e a problematização devem ser recriados de modo que a educação libertadora se ajuste às condições de cada novo cenário, fundamentando-se numa concepção hermenêutica do conhecimento humano, como decisivo para as ciências humanas. Ao buscar a validade do conhecimento em processos de discursos racionais, é possível comunicar-se entre si, e daí a ênfase no diálogo, na reflexão compartilhada a partir da experiência da cotidianidade (BUENO, 1997-8; BENTO & BUENO, 1998).

Nesta concepção, a educação é vista então como um projeto político que, ao mesmo tempo, rompe as múltiplas formas de dominação e amplia os princípios e



práticas da dignidade humana, liberdade e justiça social. Retraça o trabalho de ensinar como a prática de todos os trabalhadores culturais engajados na construção e organização do conhecimento, desejos, valores e práticas. Ensinar não é só estar em sala de aula, mas estar na história e no imaginário político para levar as mudanças. Assim, associa teoria e prática, reflexão e ação, buscando princípios no compromisso social. Fundamenta-se na problematização, na dialogicidade, reflexão crítica, objetividade-subjetividade, ocupando espaços nucleares para a educação libertadora (FREIRE, 1993; FREIRE, sd)

Freire *in* Bueno (1997-8), retrata e marca, portanto, a história do pensamento pedagógico mundial, renovando as propostas de uma prática educativa progressista que se constrói a partir da realidade e não dos conceitos; inspira a ter esperança e sonhar; propõe as bases da pesquisa-ação como método participativo na Educação e na Saúde, enumeradas na metodologia da investigação temática e na forma da educação problematizadora, tendo como fundamento, o diálogo aberto como expressão e forma da verdadeira libertação humana.

O educador alicerça seu pensamento numa pedagogia em que há o esforço totalizador da prática, em busca da amplitude de vida, e desvela a sutileza do diálogo pedagógico, implicando tanto o conteúdo ou objeto cognoscível em torno do que gira quanto à exposição sobre ele feita pelo educador para os educandos. Implica um respeito fundamental dos sujeitos nele engajados, que o autoritarismo rompe ou não permite que se constitua. A relação dialógica não anula a possibilidade do ato de ensinar. Estimula o pensamento crítico, inquieto do educador, se entregando à curiosidade do educando. Portanto, o diálogo não pode converter-se num simples bate-papo informal que caminha ao gosto do acaso do educador e do educando.

É, portanto, dentro destes pressupostos que norteamos as nossas ações neste estudo.

- **Local da Pesquisa:** Esta pesquisa foi desenvolvida junto a uma classe de surdos de uma escola pública municipal de uma cidade do norte do Estado de São Paulo
- **População:** A amostra se constituiu de nove sujeitos, alunos surdos, adultos jovens, com idade entre 18 e 25 anos, matriculados numa classe de EJA (Educação de Jovens e Adultos – no nível básico). A escolha destes sujeitos deveu-se à procura, por parte da coordenadora das classes especiais, inclusive da classe em questão, pela pesquisadora que desenvolve um trabalho docente em parceria com a escola. A coordenadora alegou enfrentar problemas relativos a questões envolvendo sexualidade de alunos surdos. Naquele momento, foi realizada junto à classe do período vespertino uma ação pontual por meio de oficina pedagógica, após o que foi efetuado um convite para desenvolver um trabalho mais efetivo junto à classe noturna, de jovens surdos.

**Coleta de Dados:** Para a coleta de dados, utilizamos os seguintes procedimentos, técnicas e instrumentos:

**Procedimentos:** Foram realizadas entrevistas individuais e coletivas pela pesquisadora, utilizando-se da língua de sinais, gravadas em vídeo, com acompanhamento de um instrutor de LIBRAS, que também auxiliou na transcrição, posteriormente.

**Técnicas:** **Observação participante** dos sujeitos da pesquisa (por meio da interação com a pesquisadora e o instrutor de LIBRAS - para melhor captação da realidade vivida pelos mesmos - em sala de aula, durante as aulas e também nos momentos das dinâmicas realizadas, nos intervalos das aulas, com registro em diário de campo.) **entrevista** individual com roteiro (Anexo 3), efetuada de acordo com a disponibilidade dos alunos e da pesquisadora, no período de outubro a novembro de 2004.

**Instrumento: Roteiro para entrevista**, semi-estruturado, elaborado através de um projeto piloto, sendo analisado por juizes, testado e avaliado, constando de duas partes: uma, com dados de identificação e outra com um roteiro constando de questões específicas, norteadoras, respondido individualmente pelos alunos. A escolha deste instrumento deveu-se ao fato de o mesmo objetivar apreender a opinião dos sujeitos, remetendo aos objetivos do estudo. O roteiro serviu como fio condutor com a finalidade de orientar a entrevistadora no transcorrer da entrevista, pois conforme Morse & Field *in* TURATO (2003:314) a “entrevista semi-estruturada garante que o pesquisador obterá todas as informações requeridas”.

### **Análise dos Dados**

A análise dos dados, tanto da entrevista como da observação foi de cunho qualitativo, pelo valor do significado expresso pelas falas investigadas, as quais nos revelam a visão de mundo, os anseios e as dúvidas dos sujeitos pesquisados, nos possibilitando análise, discussão e interpretação. O referencial metodológico para análise dos dados foi o de Minayo (1999, 2001)

Concomitantemente, foi feita a análise por categorização das falas emitidas nas questões abertas, para favorecimento da compreensão da visão de mundo destes sujeitos, e de sua realidade concreta, as quais nortearam as propostas de ações e intervenções educativas.

Para o processo educativo, utilizamos o referencial teórico de Freire, que, segundo Bueno (1997-8:84), é um método ativo, dialogal e crítico, que busca conhecer como os pesquisandos pensam a realidade, de modo que, ao tomar consciência, sejam criadores de cultura, verdadeiramente agentes transformadores de sua realidade. Para o desenvolvimento prático desse método, procedemos da seguinte forma, conforme descrito por Freire, adaptado por Bueno (1997-8:84-86):

**1 - Levantamento do Universo Temático:** Refere-se à descrição e à interpretação da situação do(s) educando(s)/pesquisando(s) e à identificação de suas necessidades de aprendizagem, de seus conhecimentos prévios e de habilidades. A organização da análise do universo temático tem como fases:

- **Levantamento dos Temas Geradores** – Esta fase culmina com a busca de resultados muito ricos para os educadores/pesquisadores, não só pelas relações que travam, mas pela busca da temática do pensamento dos homens, pensamento que se encontra somente no meio deles. Visa buscar, portanto, temas significativos com os participantes deste processo, o ponto de partida do processo de educação do tipo libertador. O tema gerador é o pensamento do Homem sobre a realidade, sua ação sobre a realidade e sua ação sobre a ação

para esta realidade que está em sua práxis. Essas observações e a emissão dos significados e do pensamento acontecem no ambiente, trabalhando.

- **Organização do Material da Coleta de Dados** – Aqui, o conteúdo registrado é resultado da emissão de significados e do pensamento dos educandos, captados por meio da observação participante e/ou aplicação de um instrumento, possibilitando interpretação e seleção dos assuntos centrais. Logo após, processa-se a leitura detalhada de todas as observações e respostas emitidas pelos sujeitos pesquisados. Nesta fase fazemos um recorte do texto, selecionando frases ou palavras repetidas com mais frequência ou colocados com mais ênfase pelos sujeitos participantes do estudo/pesquisa e que fossem passíveis de serem trabalhadas na atividade educativa. Aqui, é possível juntar o pensamento para depois reunir os educandos/pesquisandos com elementos em comum, garantindo a fidelidade na interpretação da decodificação da língua de sinais.
- **Seleção e Codificação de Palavras e Frases Registradas/Emitidas** – São selecionadas, em ordem definida, algumas palavras e/ou frases que possam ser agrupadas pela riqueza temática, codificando-se os temas geradores.
- **Síntese das Palavras e Frases Selecionadas** – Selecionados e codificados os temas geradores, agrupamos todas as palavras e frases relacionadas ao tema gerador, reunindo grandes temas.
- **Ordem dos Temas Geradores** – São ordenados os temas geradores, pedagogicamente, numa seqüência lógica no planejamento e execução das atividades educativas estabelecidas.

**2. Desenvolvimento das Atividades Educativas da Pesquisa-Ação** – É determinado da seguinte forma:

- **Planos de Ensino Relativos aos Temas Geradores** – É elaborado o planejamento de ensino, considerando cada tema gerador levantado.
- **Desenvolvimento da Educação Conscientizadora** – É implementado o plano de ensino, iniciando com as situações/problema codificadas para, a seguir, serem decodificadas pelos sujeitos pesquisandos/educandos e pesquisador/educador. O debate em torno delas proporcionará ao grupo a conscientização; o tema será considerado esgotado a partir do momento que não existam mais dúvidas em torno do assunto.
- **Avaliação do Processo** – A abordagem adequada das ações propostas e implementadas é evidenciada no discurso que passa a ser utilizado com frequência pelo sujeito pesquisando/educando, com compreensão do seu significado e adoção de termos adequados. O final deve ser avaliado de forma aberta, para levar à solução dos problemas.

Sendo assim, a modalidade de Pesquisa-Ação pode ter cunho qualitativo, com enfoques subjetivo-compreensivos, privilegiando os aspectos conscienciais, como percepção, processos de conscientização, de compreensão do contexto social, o que é de grande relevância para as pesquisas para prevenção das IST/aids (BUENO, 1997-8:88).

Tendo em vista o direcionamento deste trabalho, acreditamos ser este método e procedimento (etapas) escolhidos os mais adequados para a proposição de ações educativas e de intervenção, fechando com grande possibilidade de êxito os objetivos propostos neste projeto.

## **Procedimentos (etapas)**

Para elaboração deste trabalho, seguimos os passos a seguir.

- A. Encaminhamento do Projeto de Pesquisa ao Comitê de Ética da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.
- B. Solicitação oficial à direção da escola, locais de funcionamento da Classe de Surdos, para a realização da coleta de dados junto aos alunos, seguida de informações gerais sobre o desenvolvimento da investigação.
- C. Informação aos sujeitos da pesquisa sobre a importância deste projeto, levando em conta os aspectos éticos e rigor científico, bem como firmando o termo de consentimento para os que aceitaram participar da mesma. No termo de consentimento foi apresentada uma linguagem acessível, traduzido em LIBRAS (para certificação da compreensão exata da leitura) no qual foram incluídas as explicitações.(Anexo 2)
- D. Aplicação do instrumento (roteiro de entrevista) com questões norteadoras, efetivando o levantamento das necessidades dos sujeitos pesquisados (Anexo 3). A aplicação foi efetivada entre outubro e novembro de 2004, com explicação de que o anonimato seria assegurado, respeitando a vontade do sujeito em participar ou não e, ainda, sendo possível a interrupção da entrevista se, em algum momento, assim fosse de sua vontade, sem nenhum ônus para ele.
- E. Levantamento das matrizes, com análise de todos os dados recolhidos no roteiro de entrevista, questão a questão, agrupados de acordo com a categorização mais pertinente. Posteriormente foram classificadas as respostas de acordo com a categorização da amostra global.
- F. Elaboração de quadros com os dados encontrados, por meio da categorização das respostas, levantando os problemas emergentes dos sujeitos pesquisados.

- G. Elaboração do Programa Educativo, com vistas a sanar os problemas levantados. Implementação do programa, por meio de oficinas pedagógicas, e aulas presenciais dialogadas, realizadas em horário de aula, para facilitar o acesso a todos os alunos. (Planos de aula e avaliação em anexo)
- H. Avaliação da ação educativa implementada, por meio de perguntas e respostas referentes aos temas trabalhados nos debates e discussões.



## 5 – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

Serão apresentados, inicialmente, os dados de identificação dos sujeitos pesquisados e, posteriormente, os quadros referentes às respostas das questões levantadas por eles sobre a temática central, cujos resultados serão seguidos das respectivas discussões.

- **Primeiro momento – Identificação dos surdos e do próprio local de estudo através da observação participante**

**Quadro 1:** Identificação dos surdos pesquisados, caracterizando sexo, idade, escolaridade, estado civil, profissão/ocupação, religião e associação de surdos a que pertence e tempo.

Sujeito	Sexo		Idade			Escolaridade	Estado civil		Profissão/ Ocupação	Religião	Associação que pertence	Tempo
	M	F	≤20	21- 23	≥24		Solt.	Amas.				
1		X	X			3 <sup>a</sup>	X		Nenhuma	Católica	Avida	2 anos
2	X				X	3 <sup>a</sup>	X		Aposentado (def. físico)	Católica	-----	
3		X			X	3 <sup>a</sup>		X	Nenhuma	Católica	Avida	2 anos
4		X		X		3 <sup>a</sup>	X		Cuida do sobrinho	Católica	Avida	2 anos
5	X		X			3 <sup>a</sup>	X		Tratorista	Católica	-----	
6	X		X			3 <sup>a</sup>	X		Jardinagem	Católica	Avida	1 ano
7	X				X	3 <sup>a</sup>		X	Vendedor	Católica	Avida	3 anos
8	X		X			3 <sup>a</sup>	X		Nenhuma	Católica	Avida	2 anos
9	X		X			3 <sup>a</sup>	X		Jardinagem	Católica	-----	

Foram entrevistados nove surdos: seis do sexo masculino e três do sexo feminino, com idade entre 18 e 25 anos, todos cursando a terceira série do ensino fundamental; sete solteiros e um casal que vive amasiado; ocupam funções em profissões braçais e/ou subalternas que como, por exemplo, no caso de jardinagem, consiste em formar mudas para replante, ocupação repetitiva, e pouco criativa. No caso da ocupação de vendedor, esta se trata de receber de um parente, objetos como canetas e colantes e vendê-los em pontos como terminais de ônibus. Há também surdos que não tem ocupação e um deles é aposentado; todos se dizem católicos e seis são freqüentadores da Associação de Surdos local num tempo entre 1 e 3 anos, época da fundação da mesma.

Os surdos pesquisados encontram-se em fase de adultos jovens, como apontado acima, cursando a terceira série do ensino fundamental, o que demonstra a dificuldade que os surdos têm de acompanhar a escolaridade na faixa etária esperada, chamando a atenção para a compreensão que muitas escolas ainda têm de que a oralização está em primeiro lugar - em detrimento dos conteúdos curriculares - e de que a fala é o que inclui o surdo no mundo ouvinte. Sem dúvida, a comunicação é de suma importância, porém, o que a abordagem do bilingüismo questiona é se o aprendizado não seria mais adequado por meio da língua de sinais como primeira língua e posteriormente inclusão do domínio da língua portuguesa na sua modalidade escrita, deixando a cargo do próprio surdo a opção pela língua oral, segundo Sá (2002).

Como deixamos claro, o objetivo neste estudo não é o aprofundamento sobre o melhor método de aprendizado para o surdo. Porém, mesmo a classe na qual foram coletados os dados para esta pesquisa tendo uma intérprete de Libras, os surdos têm bastante dificuldade no aprendizado dos conteúdos curriculares,

principalmente porque todos eles vieram de uma metodologia oralista, tendo assim pouco domínio da língua de sinais, aprendida durante sua participação na Associação de Surdos Local, que teve sua fundação há três anos.

Esta dificuldade ficava clara quando, para que a pesquisadora pudesse desenvolver tanto a coleta de dados quanto as oficinas pedagógicas, havia a necessidade de aguardar os alunos terminarem *as tarefas*. A professora, em relato anotado no diário de campo, afirmou ser de grande dificuldade o ensino aos surdos, *pela dificuldade de compreensão que eles apresentavam*.

Valeria aqui tentarmos a inversão epistemológica do problema da inclusão, como propõem Skliar e Quadros (2000), discutindo o discurso e a prática cultural em torno dos *outros*, na qual não existe um único mundo disponível, e sim vários mundos que se impõem e superpõem criando novas e complexas perspectivas sobre questões como *cultura, línguas, identidades e diferenças*.

Vigiamo-nos uns aos outros para não dizer aquelas palavras, para evitar aqueles gestos, para denunciar aquelas atitudes que não representam de forma benigna os conflitos culturais. Deste modo, os problemas culturais ficam mascarados em modos ligeiros de dizer e de olhar. (SKLIAR, QUADROS, 2000:3)

Do estado civil dos sujeitos estudados, pudemos constatar que o único casal existente era de surdos e que todos os solteiros que expressaram algum anseio em casar-se ou namorar, quase sempre o fizeram em relação à preferência pelo parceiro surdo. Talvez isto se dê pelo fato da questão própria da cultura, onde existe a identificação com o outro surdo e com sua língua (BARBOSA, 1999). Ainda em algumas falas dos surdos pesquisados, pudemos ver a dificuldade e falta de disposição do ouvinte em entender o surdo, sendo vista a atenção por parte do ouvinte como algo diferente, não habitual, de importância, como em falas do tipo

*Tenho uma prima na Bahia que sabe sinais, ela me ajuda, ou É ouvinte, conversou comigo, ela entende um pouco de sinais, é inteligente.*

Em relação à ocupação dos sujeitos, corroborando a opinião de Soares (1999), observamos que o desenvolvimento das atividades subalternas e a aposentadoria podem demonstrar a aceitação da condição de *menores, não aptos, não capazes* de desenvolver atividades de acordo com suas potencialidades.

Pouco mais da metade dos sujeitos frequenta a Associação de Surdos do município, enquanto os outros não o fazem por residirem em cidades vizinhas menores e que não possuem nenhum serviço ou agremiação similar, tendo a associação local também sua fundação recentemente, como já comentado.

- Segundo momento – Levantamento dos dados coletados e elaboração dos conteúdos sobre as questões geradoras que nortearam o trabalho em foco

**Quadro 2:** Distribuição qualitativa das respostas dos surdos pesquisados sobre a questão 1: *Fale o que você sabe sobre sexo.*

Sujeito	Respostas: O conhecimento que têm sobre sexo
1	Eu não sei nada, só tenho medo, respeito, tenho temor. Já falaram para mim sobre sexo, aids, eu tenho medo... falaram sobre prostituição, drogas, um amigo meu me contou que pessoas roubam banco, fazem violência... Ficar grávida...Só depois de casar pode, no futuro (referindo-se a ela)
2	Família, abraço, gostar.
3	Mamãe sempre falava, cuidado com namorado ouvinte, cuidado, pode engravidar, papai também. Aí eu engravidei, tenho uma filha. Eu vi falar antes que era perigoso, mamãe falava que era perigoso, para tomar cuidado, aí eu conheci um namorado surdo, tive um sentimento, agora moro com ele. Eu espero em casa triste quando o Zé (namorado) demora, sai com os amigos, não sei onde está fico nervosa. Quando engravidei fiquei preocupada, como ia falar para mamãe, fui no médico, mostrei carteirinha que eu era surda, o médico entendeu. Eu contei para mamãe quando estava de 4 meses, a minha mãe falou que eu era burra, sem trabalhar, os pais ficaram preocupados como ia fazer para comprar comida, roupa... os amigos ajudaram
4	Não sei nada.
5	Sei que é namorar, beijar...
6	Conheço, mas não faço...
7	Eu namorava a 3, ela pediu para eu colocar camisinha, eu tinha trabalhado, depois bebido muita cerveja, tive relação, cansado, dormi depois, acho que a camisinha estourou. A 3 não falou nada, não sabia o que era, que estava grávida. Aí depois de 4 meses a mãe dela veio falar comigo que ela estava engordando, levou no médico, viu que estava grávida, não entendi porque a 3 não tomou remédio, acho que a camisinha não era boa, por isso estourou, era daquelas do posto, acho que não é boa
8	Sei alguma coisa, em Taquaral, quando eu morava lá tive um relacionamento com uma moça, uma vez só, namorei um pouco, depois separei, ela não conversava comigo, tentei ensinar um pouco de sinais, mas ela não queria aprender. Tive uma relação em 1999, depois disso, nunca mais.
9	Sei que pode engravidar.

A partir destas falas, chegamos a categorização que se segue:

**Quadro 2.1:** Categorização das respostas dos sujeitos sobre a questão 1: **Fale o que você sabe sobre sexo.**

<b>CATEGORIZAÇÃO – Conhecimento sobre sexo</b>	
<b>Sexo ligado à gravidez</b> “Ficar grávida, só depois de casar pode, no futuro”; ... “Mamãe falava... cuidado, pode engravidar...Aí eu engravidei”;... “Tive relação...A 3 não falou nada, não sabia o que era, que estava grávida”; ... “Sei que pode engravidar”	<b>Sujeitos</b> 1,3,7, 9
<b>Sexo ligado a namoro</b> ...”cuidado com namorado ouvinte, aí eu conheci um namorado surdo ...engravidei”; ..”Sei que é namorar, beijar”;... “Eu namorava a 3...tive relação”; ...”uma vez só, namorei um pouco, depois terminei”	3,5,7,8
<b>Sexo ligado à família</b> “Só depois de casar pode, no futuro”; ...” Família, abraço, gostar”; ...”Tive uma filha, agora moro com ele”	1,2,3,
<b>Sexo ligado à informação</b> “Já falaram para mim sobre sexo, aids...”; “... Conheço mas não faço”; “Sei alguma coisa”	1,6,8
<b>Sexo ligado ao medo, temor, perigo</b> “Só tenho medo, respeito temor”; ...” cuidado com namorado ouvinte, cuidado...eu vi falar antes que era perigoso”	1,3
<b>Sexo ligado ao apoio médico</b> “Fui ao médico...ele entendeu”; ... “a mãe dela levou no médico...viu que estava grávida”	3,7
<b>Sexo ligado a outros aspectos: ao físico, gostar, aids, prostituição, ao sentimento, prevenção, álcool, drogas, violência, orientação, desinformação, falta de condições emocionais e financeiras</b> “gostar”,...”aids, eu tenho medo”,...” falaram sobre prostituição”,...” Sei que é namorar, beijar”,...” Conheci um namorado surdo, tive um sentimento”,...”ela pediu para eu colocar camisinha, ...eu tinha..., bebido muita cerveja”,” falaram sobre ...drogas”, “mamãe sempre falava cuidado”, “eu não sei nada”, ...”ficaram preocupados, como ia fazer para comprar comida, roupa “	1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8,

Depreendemos, ao analisar estes quadros (2 e 2.1), que as questões de sexualidade e sexo que permeiam as falas dos sujeitos são condizentes com outros dados da literatura (FRANCISCO *et al.*, 1999; GIORDANO, 2000), levantados a partir de populações distintas, ouvintes, e mesmo, no tocante à faixa etária dos sujeitos, à ligação do sexo com o perigo de uma gravidez indesejada, ao relacionamento de namoro, à família, ao temor, à aids e outros, o que vem ao encontro de nossa pesquisa de mestrado, onde estudamos uma população ouvinte, de adultos jovens universitários nesta mesma faixa etária. (BENTO, 2000).

Talvez isto demonstre que estas questões transcendem a cultura, a escolarização e mesmo a possível insuficiência de informações às quais os surdos são suscetíveis, reafirmando a necessidade de uma ação efetiva em toda a sociedade, visando a uma escolha cidadã e responsável no que diz respeito à saúde sexual e reprodutiva (BUENO, 2001).

Interessante notar que alguns sujeitos afirmam que sabem alguma coisa, outros dizem que não sabem nada, ou mesmo conhecem, porém não praticam, porém muito pouco descreveram sobre o ato sexual propriamente dito, com exceção da fala do pesquisado que afirma que depois de ter “bebido muita cerveja”, teve “relação” demonstrando o tabu que ainda envolve esta temática. (BUENO, 1997-8)

Chama-nos atenção o fato da prevenção. Apesar de ter sido citada por alguns sujeitos, resume-se ao uso da camisinha e praticamente só voltada à prevenção da gravidez, não sendo sequer citada a possibilidade de contrair-se uma IST, diferentemente da população universitária estudada por Bento (2000), na qual os pesquisados tinham o conhecimento de que poderiam contaminar-se sem o uso de proteção adequada, o que demanda uma ação educativa voltada especialmente para esta temática junto aos surdos, tendo sido um dos temas geradores eleitos para nossa pesquisa.

**Quadro 3:** Distribuição qualitativa das respostas dos surdos pesquisados sobre a questão 2: ***A palavra sexualidade, você sabe o que é?***

Sujeito	Respostas sobre o conhecimento sobre o conceito de sexualidade
1	Não sei o que é.
2	Não sei o que é, quero que você me ensine.
3	Não sei.
4	Não sei o que é.
5	Não conheço, não sei o que é
6	Não sei.
7	Não sei.
8	Palavra comprida! Não sei o que é.
9	Comprida, não sei o que é.

Não houve categorização das respostas a esta questão por ser unânime o desconhecimento dos surdos acerca do significado da palavra sexualidade.

Das falas dos sujeitos pesquisados, podemos considerar o que nos relata Sá (2002:154): "... o surdo tem muita dificuldade com a formação de conceitos, pois as oportunidades de vivenciar diferentes conceitos são muito resumidas, se comparado com os ouvintes...", portanto não podemos estranhar o fato de todos os sujeitos pesquisados não terem conhecimento do significado da palavra *sexualidade*.

É interessante perceber que, apesar da questão de interpretação muitas vezes equivocada do termo *sexualidade* estar presente na fala de ouvinte, como relatado por universitários da área de saúde e educação (BENTO, 2000), isto se faz presente de maneira diferente nos sujeitos atualmente estudados, pois ainda segundo o que nos refere Nídia Limeira de Sá,

[...]os surdos aprendem a partir do uso de outros surdos, então cria-se um círculo vicioso. Não há livros que discutam este tipo de coisa, que alertem tanto os surdos quanto os professores para esta dimensão do uso cotidiano (de uma palavra)[...]se ninguém da comunidade sabe, então não vai haver o sinal, pois este conceito não faz parte da realidade do surdo. (SÁ, 2002:155).



**Quadro 4:** Distribuição qualitativa das respostas dos surdos pesquisados sobre a questão 3: ***Você pratica sexo? Como e quanto?***

Sujeito	Respostas sobre a prática sexual
1	Não, nunca fiz.
2	Não, fico triste em casa, sozinho. No passado fazia, agora acabou, não tenho namorada agora, só no futuro.
3	Sim, todo dia, estou junto todo dia. No futuro quero casar
4	Não, só beijo, abraço, e bato na mão do meu namorado (surdo) quando ele quer passar a mão em algum lugar, fico brava, peço para ele parar.
5	Há cinco meses tenho uma namorada, fiz sexo 3 vezes (envergonhado)
6	Conheço mas não faço...
7	Sim. Sempre com camisinha, porque a 3 não toma comprimido, nem injeção, nada. Às vezes faço de sexta, sábado, umas duas vezes por semana.
8	Não só esta vez no passado
9	Não, só tenho namorada na Bahia (Daira) e eu só beijo, ela fala, ela não sabe sinais, ela me ajuda.

**Quadro 4.1:** Categorização das respostas dos sujeitos sobre a questão 3: ***Você pratica sexo? Como e quanto?***

Prática de sexo	CATEGORIZAÇÃO – Se pratica sexo, como e quanto		
	Sujeito	Como	Quanto
Não atualmente	2, 4, 6, 8, 9		
Sim	3, 5, 7	“Com namorado(a)”, “com camisinha”	“Todo dia”;...”Duas vezes por semana, de sexta e sábado; ...”Três vezes em cinco meses”
Não, nunca	1		

Se atentarmos para as falas expressas nos quadros anteriores (4 e 4.1), talvez pudéssemos tender a subestimar estes resultados, supondo que a maioria dos pesquisados, por não estarem praticando sexo no momento, não estejam em situação de vulnerabilidade em relação a esta questão. Porém, esta afirmação é falaciosa, devido ao fato de simplesmente a maioria deles também já terem de alguma forma praticado sexo em algum momento de sua vida, não tendo relatado qual tipo de proteção teriam utilizado.

Pelos dados expostos, verificamos uma contradição entre os relatos do casal presente entre os sujeitos da pesquisa. O fato dos desencontros entre o sujeito 3, do

sexo feminino, que diz fazer sexo todos os dias com o parceiro, e o mesmo, que faz também parte de nossa amostra, dizer que pratica somente duas vezes por semana, pode estar relacionado à dificuldade e embaraço que este assunto pode trazer, devido aos tabus e preconceitos que o envolvem, fazendo um deles ou ambos não relatarem a realidade de suas vivências sexuais. Podemos também refletir a partir desta contradição, sobre o significado que a prática do sexo possa ter para cada um dos entrevistados, o “ficar junto todo dia” relatado pela entrevistada, apesar de ter sido sinalizado após o sinal literal de “ter relação sexual”, pode demonstrar que existe uma conotação diferente do que seja sexo para ela e para o seu parceiro.

**Quadro 5:** Distribuição qualitativa das respostas dos surdos pesquisados sobre a questão 4: ***Quais os tipos de proteção para praticar sexo que você conhece?***

Sujeito	Respostas sobre o conhecimento de tipos de proteção para a prática sexual
1	Eu acho perigoso, tenho preocupação. Ainda não sei. Uma mulher, amiga minha, ouvinte, me disse que é perigoso prostituição, pode engravidar e porque eu sou surda, vou precisar ficar junto da mamãe para me ajudar a cuidar da criança. Vi no programa do Ratinho, na TV à noite, muitas pessoas discutindo para tirar sangue para fazer exame para ver quem é o pai da criança e pode ser preso se não pagar pensão.
2	Uma vez usei camisinha, depois acabou. Eu não sei se entendo muito bem, quero que você me ensine.
3	Tomo remédio todo dia, ando sempre junto com meu marido, sou fiel, não gosto que os outros olhem. Sobre evitar gravidez, a camisinha estourou.
4	Não conheço nada, quando casar, no futuro, vou ficar grávida.
5	Eu usei camisinha, tenho guardadas muitas em casa, não sei outros, sei que existe comprimido para não engravidar e camisinha.
6	Eu uso camisinha, um homem na escola falou que para não engravidar, precisa usar camisinha, tenho muitas guardadas lá em casa, minha mãe viu e não falou nada. Não conheço outras.
7	Camisinha. Não conheço outros.
8	Quando tive relação, usei camisinha, não conheço nenhum outro. Gosto de namorar moça surda.
9	Conheço camisinha, se não põe camisinha pode engravidar, um amigo meu explicou como usa camisinha. Papai e mamãe não, tenho vergonha. Um amigo meu da Bahia me explicou.

**Quadro 5.1:** Categorização das respostas dos sujeitos sobre a questão 4: ***Quais os tipos de proteção para a prática sexual que você conhece?***

CATEGORIZAÇÃO – Tipos de proteção às práticas sexuais que conhece	
<b>Proteção ligada à Camisinha</b> “Uma vez eu usei camisinha”;...“eu usei camisinha”; ...“eu uso camisinha”;...“camisinha, não conheço outros”; ....“quando tive relação usei camisinha”;...“conheço camisinha”	<b>Sujeitos</b> 2, 5, 6, 7, 8, 9
<b>Proteção ligada à necessidade de informação</b> “Não sei se entendo muito bem, quero que você me ensine”;...“não conheço nada”; ...“não sei outros”;...“não conheço outras”;...“não conheço outros”; ...“não conheço nenhum outro”	2, 4, 5, 6, 7, 8,
<b>Proteção ligada ao casamento</b> “Ando sempre junto com meu marido”;...“quando casar no futuro vou ficar grávida”	3, 4
<b>Proteção ligada à pílula anticoncepcional</b> “tomo remédio todo dia”	3
<b>Proteção ligada à fidelidade</b> “Sou fiel, não gosto que os outros olham”	3

Segundo o nosso grupo de surdos estudados, a camisinha é o método de proteção mais conhecido e, para o mesmo contingente de sujeitos, a questão da prevenção ainda demanda necessidade de informações. O fato do amplo conhecimento sobre camisinha se justifica, pois, talvez, por ser o método mais difundido, consegue chegar através dos meios de comunicação à maioria das

peessoas, ouvintes ou surdas, conforme nos apontam outros autores que trabalharam diversas populações, como universitários, alunos do curso técnico de enfermagem e mulheres detentas (FRANCISCO *et al.*, 1999; DIAS, 2000; GIORDANO, 2000).

Outro aspecto relevante é o de que a proteção ligada ao sexo, para este grupo de surdos, está relacionado simplesmente à proteção contra a gravidez, fato que fica aparente nas respostas em geral, quando ligam a proteção ao casamento, à fidelidade e à pílula anticoncepcional também convergindo para outros estudos como o de Bueno (2001).

Uma das preocupações atuais com relação às infecções sexualmente transmissíveis gira em torno principalmente do HPV (Papiloma Vírus Humano), que está relacionado, de forma bastante intensa, ao câncer genital e, mesmo com o uso da camisinha, pode ser transmitido pela simples proximidade das partes genitais externas.

Todas estas constatações nos levam a atentar, de forma especial, para esta temática na formulação de nossa ação educativa.

**Quadro 6:** Distribuição qualitativa das respostas dos surdos pesquisados sobre a questão 5: ***O que você sabe sobre as doenças que passam através do sexo?***

Sujeito	Respostas sobre o conhecimento a respeito das infecções sexualmente transmissíveis
1	Não sei nada
2	Doenças? Eu não sei nada.
3	Conheço aids, mas nunca vi ninguém com aids.
4	Eu não sei nada.
5	Não conheço nenhuma.
6	Aids eu conheço, outra eu não conheço.
7	Quem pratica sexo tem saúde, não conheço nada, doença nenhuma.
8	Aids, eu sei que precisa fazer exame, tirar sangue. Eu procuro evitar as pessoas e preciso conhecer bem as pessoas para não pegar doença, não conheço outras.
9	Conheço aids.

**Quadro 6.1:** Categorização das respostas dos sujeitos sobre a questão 5: ***O que você sabe sobre as doenças que passam através do sexo?***

<b>CATEGORIZAÇÃO: Conhecimento sobre as doenças que passam pelo sexo</b>	
<b>IST e desinformação</b> “Não sei nada”;...”doenças?não sei nada”; ...”eu não sei nada”; ...”não conheço nenhuma”;...”outra eu não conheço”; ...”não conheço outras”	<b>Sujeitos</b> 1,2,4,5,6,7,8,
<b>IST e aids</b> “Conheço aids”;...”aids eu conheço”; ...”aids eu sei que precisa fazer exame”	3, 6, 8, 9
<b>IST e conhecimento</b> “Eu procuro conhecer bem as pessoas para não pegar doenças.”	8
<b>Sexo e saúde</b> “Quem pratica sexo tem saúde.”	7

A questão da desinformação sobre “o que sabe referente às doenças que passam através do sexo” constatada nas respostas à pergunta é confirmada, pois praticamente todos os sujeitos, de alguma forma, externaram a falta de informação a respeito da temática.

Algo que nos chamou a atenção foi a ligação que um sujeito faz entre sexo e saúde, descartando a possibilidade de existirem doenças que possam estar ligadas à prática do sexo.

Uma grande parte dos sujeitos consegue estabelecer a relação entre o sexo e a aids, porém sem apresentar muitos dados que nos levem a entender que eles tenham conhecimentos suficientes sobre meios de transmissão, prevenção e diagnóstico da doença o que difere dos dados encontrados por Bento (2000) e Dias (2000), nos quais aparecem nas falas dos pesquisados, com uma escolarização acima do nível básico, informações mais amplas com respeito à temática, demandando também uma atenção especial com relação ao tema com os surdos.

**Quadro 7:** Distribuição qualitativa das respostas dos surdos pesquisados sobre a questão 6: ***Você já teve alguma doença que passa através do sexo?***

Sujeito	Respostas sobre a história anterior de infecção sexualmente transmissível
1	Não.
2	Tive febre, fiquei cansado, mas doença de sexo, nada.
3	Não.
4	Não.
5	Nunca fiquei doente por causa disso.
6	Não, nunca.
7	Nunca tive nada, nunca.
8	Não, nunca, nenhuma, não conheço e não tive.
9	Não, nunca, nada.

Dos sujeitos pesquisados, não houve qualquer afirmativa de terem contraído alguma IST, não sendo possível formular nenhuma categoria. É importante salientar que, em relato anotado em diário de campo, um dos sujeitos nos informou que já havia tido experiências sexuais com prostitutas e também uma relação durante o primeiro encontro com uma moça que conhecera numa noite e depois disso nunca mais a encontrara. Este episódio pode denotar a suscetibilidade e vulnerabilidade deste sujeito a uma IST, devido às situações de risco vivenciadas pelo mesmo (BENTO, 2000; GIORDANO, 2003).

**Quadro 8:** Distribuição qualitativa das respostas dos surdos pesquisados sobre a questão 7: ***O que você sabe sobre a aids?***

Sujeito	Respostas sobre o conhecimento a respeito da aids
1	Se faz sexo com muitas pessoas, homem teimoso, põe chifre. Parece que pega por cheirar droga e injetável. Eu sei muitas coisas, mas agora estou confusa.
2	Eu não tenho. Fico sempre em casa sozinho... aids eu sei que fica bem magro. Eu evito, não quero.
3	Não conheço nada.
4	Também não conheço, não sei nada, nunca vi.
5	Sei que emagrece, que morre. Eu conheço um surdo que já morreu porque usava droga. Sei que quando cortar, machucar, tem que sair de perto, não pode mexer no sangue. Se tiver trabalhando com enxada, se alguém cortar, eu vou pedir ajuda porque sei que pode passar a doença.
6	Não sei muita coisa.
7	Conheço aids, vi prostitutas na cidade com aids, eu nunca fiquei doente porque nunca tive contato com ninguém assim.
8	Conheço aids, como pega, sei que é pelo sangue.
9	Sei que emagrece, conheci um homem que era gordo, ficou magro e morreu. Não sei como pega.

**Quadro 8.1:** Categorização das respostas dos sujeitos sobre a questão 7: **O que você sabe sobre a aids?**

<b>CATEGORIZAÇÃO: Conhecimento sobre Aids</b>	
<b>Aids ligada a necessidade de informação</b> "Eu sei muitas coisas"; ... "não conheço nada"; ... "também não conheço, não sei nada"; ... "não sei muita coisa"; ... "não sei como pega"	<b>Sujeitos</b> 1, 3, 4, 6
<b>Aids ligada ao emagrecimento</b> "Aids eu sei que fica bem magro"; ... "sei que emagrece"; ... "conheci um homem que era gordo, ficou magro e morreu"	2, 5, 9
<b>Aids como algo a ser evitado</b> "Eu evito, não quero"; ... "quando cortar tem que sair de perto"; ... "eu nunca fiquei doente porque nunca tive contato com ninguém assim"	2, 5, 7
<b>Aids ligada a sexo e promiscuidade</b> "Se faz sexo com muitas pessoas"; ... "vi prostitutas na cidade com aids"	1,7
<b>Aids ligada a drogas</b> "Parece que pega por cheirar droga e injetável"; ... "eu conheço um surdo que já morreu porque usava droga";	1,5,
<b>Aids ligada à morte</b> "Sei... que morre"; ... "um homem ...ficou magro e morreu"	5, 9
<b>Aids ligada ao contato com sangue</b> "Não pode mexer no sangue"; ... "sei que é pelo sangue".	5, 8

Os dados encontrados não diferem muito, em essência, dos dados encontrados numa população de adultos jovens universitários ouvintes, pois a necessidade de informações a respeito da temática também foi uma tônica, assim como a ligação com aspectos como promiscuidade, drogas, algo a ser evitado, morte e contato com sangue (BENTO, 2000).

O que nos chamou atenção nos dados destes sujeitos foi a questão desses relacionarem a aids com algo visível, como o emagrecimento. Os surdos têm seu sentido da visão bastante aguçado, até como compensação pelo déficit da audição. Isso pode nos levar a inferir que a questão exterior, visível, pode ter relevância especial no caso dos surdos, nos indicando talvez uma direção a respeito da metodologia a ser adotada com relação à ação educativa.

**Quadro 9:** Distribuição qualitativa das respostas dos surdos pesquisados sobre a questão 8: ***O que você sabe sobre drogas?***

Sujeito	Respostas sobre o conhecimento a respeito de drogas
1	Eu vi uma mulher se injetando, ela estava combinando de usar, vi pessoas combinando para usar, estavam amassando para usar crack. Depois ficam nervosos, ficam loucos.
2	Eu não uso, tenho medo, não gosto.
3	Não conheço, já vi pessoas perto da árvore usando, mas eu afasto, nem chego perto para ver.
4	Também nunca usei, nunca vi. Já vi na rua, mas saio de perto, evito.
5	Não conheço, já vi na TV, nunca peguei na mão. Um amigo já mostrou.
6	Eu já vi a polícia, foi na escola, mostrou droga em Ribeirão Preto. Eu não gosto, eu não uso. Conheço, mas não gosto. Se alguém dá para mim, eu chamo a polícia. Meu tio é polícia em Pitangueiras, ele brincou comigo que ia colocar droga em mim... estou fora!!!
7	Conheço, sei tudo, já usei, agora fumo cigarro só.
8	Não conheço e nunca usei nada.
9	Não conheço nada, sei que fica louco, sei que tem cheirar cola, sei que fica louco.

#### Quadro 9.1

Categorização das respostas dos sujeitos sobre a questão 8: ***O que você sabe sobre a drogas?***

CATEGORIZAÇÃO: Conhecimento sobre drogas	
<b>Negação do uso</b> "Eu não uso, não gosto";..."eu afasto, nem chego perto"; ..."também nunca usei"; ..."nunca peguei na mão"; ..."eu não gosto, eu não uso"; ..."não conheço e nunca usei nada"	sujeitos 2,3,4,5,6,8
<b>Falta de conhecimento sobre o assunto</b> "Não conheço"; ..." nunca vi"; ..."não conheço, nunca peguei na mão";..."não conheço"; ..." não conheço nada"	3,4,5,8,9
<b>Droga como algo que provoca medo, afastamento</b> "Tenho medo, não gosto"; ..."mas eu afasto, nem chego perto para ver"; ..."mas eu saio de perto, evito"; ..."conheço mas não gosto, se alguém dá para mim eu chamo a polícia, estou fora"	2,3,4,6,
<b>Já presenciaram o uso</b> "Eu vi uma mulher se injetando, estavam amassando para usar crack"; ..."já vi pessoas perto da árvore usando";..."um amigo já mostrou"	1,3,5
<b>Como algo que deixa louco</b> "Depois ficam nervosos, ficam loucos" ..."sei que fica louco"	1,9
<b>Já usou</b> "Conheço, eu sei tudo, já usei"	7

Nos sujeitos entrevistados, a categoria de negação do uso foi a mais relevante, porém a falta de conhecimento sobre o assunto ainda nos chama atenção, bem como o fato de a droga ser vista como algo que provoca medo. Percebemos, com estes fatos, que ainda que os familiares tentem proteger os surdos utilizando-se do medo e temor, eles necessitam de informações que lhes



dêem a possibilidade de exercer sua autonomia, fazendo escolhas através do conhecimento e não da ignorância sobre o assunto.

Reis (1990) nos alerta para a questão da ignorância como algo contrário à autonomia, e a autonomia como verdadeira liberdade. Se desejarmos educar para a liberdade, devemos observar o princípio da autonomia.

**Quadro 10:** Distribuição qualitativa das respostas dos surdos pesquisados sobre a questão 9: ***Você já experimentou alguma droga?***

Sujeito	Respostas sobre a história anterior de uso de drogas
1	Nunca, nada. Nunca usei nada.
2	Nada, não gosto de droga, não bebo porque tomo remédio para o coração. Não pode misturar.
3	Nunca experimentei nada.
4	Nunca experimentei nada.
5	Nunca, só gosto de cerveja, Skol, qualquer marca
6	Nunca, nem fumar eu fumo, só gosto cerveja, tomo Skol e chopp bem gelado.
7	Já experimentei, em 1997 parei. Eu tinha 13 anos quando comecei a usar só maconha, parei com 17 porque mamãe começou a chamar atenção, aí eu parei, agora só fumo cigarro.
8	Não.
9	Nunca experimentei, só vi. Sempre fico longe, não quero ficar perto.

**Quadro 10.1:** Categorização das respostas dos sujeitos sobre a questão 9: ***Você já experimentou alguma droga?***

CATEGORIZAÇÃO: Se já experimentou drogas	Sujeitos
<b>Não, nunca usei</b> “Nunca, nada”;...”nada, não gosto de droga”; ...”nunca experimentei nada”; ...”nunca, só gosto de cerveja”; ...”nunca, nem fumar eu fumo” ...”não, ...nunca experimentei”	1,2,3,4,5,6,8,9
<b>Sim, já usei</b> “Já experimentei, em 1997 eu parei, eu tinha 13 anos quando comecei a usar maconha, parei com 17 porque mamãe começou a chamar atenção, aí eu parei, só fumo cigarro”	7

Um dos sujeitos chegou a utilizar drogas em sua adolescência e, conforme relatou, após insistência da mãe, abandonou o uso, nos indicando que a família é um espaço importante na vida do surdo, tanto de proteção quanto de desenvolvimento de habilidades tanto cognitivas como emocionais.

As orientações que o INES traz aos pais dos adolescentes surdos é que devem sempre estimular e vivenciar o diálogo com seus filhos, seus anseios e inquietações, o que apóia e permite ao jovem buscar ajuda e desenvolver-se como pessoa, sentindo-se respeitado e importante (INES, 2004).

- **Terceiro momento: Ações/Intervenções Educativas**

Após análise de todos os dados levantados, elegeram-se como temas geradores em relação à sexualidade/sexo para as ações educativas a **Gravidez**, abordando desde a anatomia dos órgãos reprodutores, sua fisiologia, como se dá a fecundação, etc, pois pelas falas emitidas pelos sujeitos nos pareceu que pouca informação havia sido oferecida a eles sobre estas questões, e para que possam exercer sua sexualidade de forma autônoma e responsável, estas informações tornam-se essenciais. Um segundo tema eleito foi **Métodos contraceptivos**, principalmente pelo aparente desconhecimento de outros métodos além da camisinha, e mesmo a possível utilização errônea deste método, o que ficou claro com relação às falas do tipo: “a camisinha era ruim, estourou”; e finalmente **IST/aids**, pois depreendemos através das respostas, que as informações sobre este tema eram praticamente inexistentes. Entendemos que estejam inseridos nestas temáticas citadas as principais dúvidas e inquietações dos surdos pesquisados.

Seguem as descrições do Plano de Curso, dos Planos de Aula, dos recursos e métodos utilizados, bem como da avaliação.

## 6 – IMPLEMENTAÇÃO DA AÇÃO PEDAGÓGICA

### PLANO DE CURSO

- **Tema:** Sexualidade - Gravidez, Contracepção e Infecções Sexualmente Transmissíveis e aids
- **Período:** 09/11/2004 a 30/11/2004
- **Horário:** 19h às 21h
- **População alvo:** alunos da classe de Educação para Jovens e Adultos de Educação Básica do Município de Bebedouro – período noturno
- **Docente:** Isabel Cristina Belasco Bento

### I – Objetivos

**Geral:** dar subsídios aos alunos para compreenderem a gravidez, os métodos de contracepção disponíveis, identificarem as Infecções Sexualmente Transmissíveis, os meios de transmissão e prevenção das mesmas e da aids, para que possam utilizar-se destas informações para o exercício pleno de sua sexualidade, com máxima isenção de riscos para a sua saúde sexual e reprodutiva.

**Específicos:** Ao final do curso o aluno seja capaz de:

- identificar as diferenças externas e internas entre o corpo masculino e feminino;
- identificar os órgãos dos aparelhos reprodutores masculino e feminino;
- compreender o processo da gravidez e parto;
- relacionar os métodos de contracepção disponíveis;
- identificar os sinais e sintomas das Infecções Sexualmente Transmissíveis;

- compreender os meios de transmissão das IST/aids;
- relacionar os métodos de prevenção contra as IST/aids.

## **II – Conteúdo Programático**

- Visão geral da anatomia e fisiologia do corpo humano – relação entre os órgãos e as funções.
- Órgãos externos e internos dos sistemas reprodutores masculino e feminino.
- Gravidez – início e desenvolvimento.
- Métodos contraceptivos.
- Infecções Sexualmente Transmissíveis – como se transmite e como evitar.
- Aids – sinais e sintomas.
- Métodos de prevenção.

## **III - Metodologia**

- **Dinâmica de grupo** (oficinas e discussão em grupo)
- **Exposição oral** (aula expositiva dialogada, em Libras, com ajuda da intérprete de sinais nos termos que não eram de domínio da pesquisadora).

## **IV – Recursos Materiais**

- modelos anatômicos
- modelo pélvico feminino em acrílico e em borracha
- modelo peniano em borracha
- cartaz imantado
- álbum seriado
- camisinha masculina e feminina

- anticoncepcionais em comprimido, injetável, diu, diafragma, geléia, etc
- datashow

### **V – Atividades discentes**

Discussão e debate sobre os temas e participação nas aulas.

### **VI – Avaliação**

**Diagnóstica** – a partir das entrevistas com os alunos, professora, intérprete de sinais.

**Formativa** – através de respostas dos alunos em aula e participação dos mesmos e da verificação dos conteúdos das aulas anteriores através de perguntas diretas.

**Somativa** – por meio de respostas dos alunos à entrevista informal em sala de aula, somando todas as habilidades, desempenho e competência deles, no final atribuindo conceito (apto/não apto)

**Quadro 11:** Descrição do Planejamento de Ensino referente ao Plano de Ação Pedagógica implementada com os Surdos pesquisados.

PLANEJAMENTO DE ENSINO			ASSUNTO: SEXUALIDADE/SEXO			TURMA: CLASSE DE EJA		
PERÍODO: NOTURNO			DOCENTE: ISABEL CRISTINA BELASCO BENTO					
DATA	HORÁRIO	LOCAL	OBJETIVO	CONTEÚDO	METODO	RECURSO DIDÁTICO	AVALIAÇÃO	ANOTAÇÕES
09/11	19:00-21:00	Laboratório de enfermagem	Verificar os conhecimentos prévios sobre anatomia e fisiologia humanas e aprofundar o conteúdo.	Órgãos e sistemas: digestivo, cardiovascular, respiratório e reprodutor	Exposição dialogada	Modelos anatômicos masculino e feminino	Respostas dos alunos às questões formuladas pela docente	O conteúdo dominado pelos alunos era pequeno, porém ao final da aula respondiam adequadamente às perguntas formuladas
16/11	19:00-21:00	Laboratório de enfermagem	Avaliar conteúdo da aula anterior e aprofundar os conhecimentos sobre o aparelho reprodutor humano. Avaliar conhecimentos sobre gravidez e parto, corrigindo e acrescentando informações necessárias	Reprodução humana – gravidez e parto normal e cesárea	Dinâmica de grupo e exposição dialogada	Modelo pélvico feminino e modelo peniano em borracha, cartaz imantado com a seqüência da concepção humana	Respostas dos alunos às questões formuladas em sala	Houve avanço no conhecimento dos alunos com relação aos temas anteriores, demonstrado por atitudes dos alunos em relação aos ausentes na aula anterior.

23/11	19:00-21:00	Sala de aula	Avaliar o conteúdo ministrado na aula anterior, tirando as dúvidas existentes. Verificar conhecimento prévio sobre métodos contraceptivos e acrescentar os conteúdos necessários	Métodos contraceptivos	Discussão em grupo e exposição dialogada	Álbum seriado, diu, cartelas de pílula anticoncepcional, injetável, pílula do dia seguinte, diafragma, camisinha feminina e masculina, modelo pélvico feminino em acrílico e modelo anatômico masculino em borracha	Manuseio correto dos diferentes métodos contraceptivos – colocação correta da camisinha masculina, feminina, diafragma etc e respostas dos alunos relativas a temática desenvolvida.	Os alunos demonstraram muito interesse, discutiram e corrigiram atitudes incorretas dos próprios pares.
30/11	19:00-21:00	Sala de Palestras	Verificar conhecimentos a respeito das IST/aids e acrescentar as informações necessárias sobre a temática	Infecções sexualmente transmissíveis e aids, sinais e sintomas e métodos de prevenção	Exposição dialogada e discussão em grupo	Slides e datashow	Participação dos alunos na discussão em grupo.	Os alunos demonstraram muito pouco conhecimento relativo aos sinais e sintomas, meios de transmissão e de prevenção. Durante a discussão em grupo foram sanadas as dúvidas e entre o grupo houve muita troca.

## 6.1 - AVALIAÇÃO DA AÇÃO EDUCATIVA

Desde o primeiro contato com os surdos pesquisados, houve aceitação por parte deles. No início, quando foi proposta uma conversa sobre os temas referentes a sexo, eles demonstraram interesse e receptividade, porém, com algumas reservas no início, sendo resolvida esta questão no decorrer da pesquisa (THIOLLENT, 1985). Vencidas as barreiras iniciais, e após conquistarmos credibilidade junto aos sujeitos, formou-se um elo de confiança e como nos descreve Capovilla (2001, vol 1:30), pudemos observar que os surdos "... gentilmente nos convidam para entrar em seu mundo, nos acolhem e revelam os mais íntimos segredos do seu sinal.". Entendemos que houve necessidade, de que eu fosse testada, em meu domínio de Libras, ou mesmo em minha confiabilidade diante deles, o relacionamento foi se dando de forma tranqüila e bastante descontraída, conforme demonstram anotações no diário de campo. Muitas informações foram sendo veiculadas informalmente a respeito da vida pessoal e mesmo das experiências relativas à sexualidade, pois "...confiança e respeito são as duas mãos de uma mesma via que nos permitem ir e vir sempre" (CAPOVILLA, 2001, vol 1:30).

Uma vez efetuadas as entrevistas e levantados os dados necessários para a implantação da ação educativa, as aulas foram planejadas e levadas a termo da seguinte forma:



**Primeiro encontro:** foi realizado no Laboratório de Enfermagem da Faculdade à qual a pesquisadora é vinculada como docente. Neste momento, os conhecimentos dos alunos com relação à anatomia e fisiologia humanas foram verificados, utilizando modelos anatômicos masculino e femininos e trabalhando os sinais para cada órgão do corpo humano, bem como suas funções (respiração, digestão, circulação, até chegar ao aparelho reprodutor).

Quanto ao aparelho reprodutor, foram demonstradas as diferenças do corpo masculino e feminino. As dúvidas eram sanadas conforme surgiam, e era solicitado aos alunos que soubessem respondê-las, que explicassem aos seus colegas, com ajuda da pesquisadora, tornando a aula bastante participativa, principalmente pela possibilidade de tocarem e manusearem as partes dos modelos anatômicos.

Termos como *vagina*, *pênis*, *ânus*, *mamas* já faziam parte de seu vocabulário, porém, *útero*, *trompas*, *ovário*, *próstata* e outros órgãos internos dos aparelhos reprodutores masculino e femininos não o eram, e por isso necessitaram serem trabalhados. Isto foi constatado durante a ação pedagógica na qual, utilizando um modelo de dorso do qual eram retiradas as peças e solicitado que os pesquisados respondessem qual era aquele órgão e qual era sua função.

Caso não fosse encontrado no dicionário o sinal correspondente, um sinal era combinado entre os Surdos para que houvesse consenso na utilização do mesmo, conforme já nos apontava Sá (2002).

Como exercício de fixação e avaliação, foi solicitado aos alunos que, de forma aleatória, montassem o boneco explicando a função de cada órgão que era posicionado, sempre com ajuda dos colegas e da pesquisadora.

Ao final foi servido um lanche com possibilidade de confraternização entre os surdos, a pesquisadora, a intérprete de Libras e a professora da classe.

**Segundo encontro:** deu-se também no Laboratório de Enfermagem pela necessidade da utilização de modelos anatômicos disponíveis na instituição e de local amplo.

Foi feita uma revisão do conteúdo ministrado no encontro anterior, durante a qual foi observado que a totalidade de respostas dos alunos às questões propostas estavam corretas. Como compareceram alguns alunos que não participaram da aula anterior, os próprios surdos espontaneamente se encarregaram de explicar o conteúdo abordado, demonstrando não só a construção do conhecimento, mas também a possibilidade de se tornarem agentes multiplicadores para seus pares, necessitando de pouca ou quase nenhuma intervenção da pesquisadora.

Os conteúdos abordados neste encontro foram a gravidez e o parto, partindo do conteúdo anterior sobre anatomia dos órgãos reprodutores e aprofundando na exposição de como se dão a relação sexual, a fecundação, a evolução do feto no interior do útero materno, bem como o parto, com a utilização de modelos pélvicos femininos (tanto para demonstração da penetração como para demonstração da gravidez e parto), do modelo peniano masculino e cartaz imantado para demonstração de estruturas internas masculinas e femininas.

Os Surdos, durante todo o tempo, mostraram-se participativos, colocando com franqueza e clareza suas dúvidas, inclusive levantando-se e explicando com demonstração nos modelos quais eram suas dificuldades de compreensão sobre o assunto. Uma das dúvidas, por exemplo, foi de qual o local em que se fazia o corte para o parto cesariano e se não havia possibilidade de ferimentos para o bebê.

Durante a exposição sobre o parto, uma das pesquisadas, que já era mãe trouxe contribuições para o grupo sobre sua experiência pessoal relativa a gravidez e parto. Nesta reunião estiveram presentes também, como assistentes, quatro

Surdos que fazem parte da Associação de Surdos local, pois ouviram falar da aula e se interessaram pelo assunto, o que trouxe uma contribuição muito válida e bastante enriquecedora para a aula, por ter contribuído para a credibilidade do trabalho junto à comunidade surda da cidade.

A avaliação foi feita por meio de perguntas para os alunos sobre os temas abordados, todas respondidas corretamente, demonstrando que conseguiram crescer em seu conhecimento sobre a temática, como por exemplo, dominando os termos referentes aos órgãos reprodutores internos, o que não faziam anteriormente, e como nos aponta Freire (1993), as falas dos sujeitos podem demonstrar a mudança de atitude frente a um novo conhecimento.

**Terceiro encontro:** foi realizado na própria sala de aula dos alunos, durante o qual foram avaliados por meio de perguntas diretas sobre os assuntos trabalhados anteriormente, quando então se verificou que poucas dúvidas ainda persistiam, como qual seria o local exato em que a bexiga permanecia quando o útero aumentava de volume no transcurso da gravidez, sendo de pronto sanadas pela pesquisadora.

O conteúdo abordado nesta reunião foi métodos contraceptivos. Anteriormente à explanação, foi solicitado aos alunos que discorressem sobre os métodos por eles conhecidos. Indo ao encontro das respostas à entrevista feita para levantamento de dados, responderam que sabiam da camisinha e da pílula anticoncepcional.

Para a explicação, foi utilizado um álbum seriado demonstrando todos os métodos: naturais, hormonais, de barreira e cirúrgicos, sendo o método do muco cervical o de mais difícil compreensão pelos Surdos, pois não foi muito simples

exemplificar a diferença do aspecto da secreção nas diferentes fases do ciclo feminino.

Foram utilizados o modelo pélvico acrílico feminino e o modelo peniano em borracha, no qual é possível simular a ejaculação. Para demonstração da colocação da camisinha masculina, foi solicitada a participação de um dos rapazes da turma, que sem constrangimento colaborou com seriedade e, ao mesmo tempo, com descontração.

Abordou-se também a seqüência correta da colocação da camisinha masculina até sua retirada, comentando-se dos riscos de um manuseio incorreto, tanto com relação as IST, quanto a uma gravidez indesejada.

De um modo geral, os sujeitos participaram com muito interesse. Foram demonstrados por meio da visualização todos os métodos, inclusive o DIU, diafragma, camisinha feminina, pílulas, óvulos, etc, os quais puderam manusear livremente, sanando todas as dúvidas.

A avaliação foi feita por meio de checagem do manuseio correto dos diferentes métodos, como diafragma, camisinha, óvulo, pílula, DIU e, quando isto não era possível, eram feitas perguntas diretas e as respostas eram validadas quando respondidas corretamente e corrigidas quando necessário.

**Quarto encontro:** aconteceu na sala de palestras nas dependências da Faculdade, pela necessidade da utilização de recursos de multimídia.

Abordaram-se as IST e a Aids, com projeção de slides com os sinais das principais infecções. Notou-se que as imagens impressionaram muito os alunos, sendo que às vezes eles perguntavam qual parte do corpo era aquela, e quando reconheciam externavam sua repulsa ou por vezes preocupação.

Fizemos questão de relacionar as IST que causam úlcera genital com a maior probabilidade de se contrair a Aids (BUENO, 1997-8), e de chamar atenção para a não possibilidade de observar os sinais e sintomas da aids em estágios iniciais da doença.

Nesta exposição, também os surdos participaram dinamicamente, fazendo perguntas do tipo: “esta ferida dói muito?”, “demora muito para sarar?”, “quando tem relação dói muito?” e comentários sobre já terem visto um ou outro sinal das patologias mostradas.

Foi feita uma avaliação geral das ações implementadas, por meio de perguntas aos alunos sobre o que eles tinham aprendido, se gostaram das aulas e se tinham algumas sugestões. Suas respostas incluíam falas relativas ao fato de aprenderem muito com tudo o que foi passado, “aprendi muito”, “foi muito bom, aprendi muito”, “eu não sabia de nada disso de doenças”, “todos os surdos precisavam saber isto que foi ensinado”, “muitos surdos fazem sexo e não se preocupam com nada”. Disseram que gostaram muito das aulas e que gostariam que pudessem continuar aprendendo, “precisava continuar estas aulas”, “seria bom se tivesse mais aulas”.

Quanto às sugestões por eles feitas, foram no sentido de estender estas informações para a Associação de surdos locais, “podia chamar os surdos da Avida”, “a gente podia chamar o pessoal da Avida para vir assistir as aulas” e ainda que os próprios surdos fizessem uma peça de teatro para explicar a importância destas informações para seus pares, “a gente podia fazer um teatro e falar o que aprendeu”.

## 7 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra.” (Paulo Freire)

Com base na análise efetivada, podemos considerar que os sujeitos pesquisados (surdos adultos jovens):

- tiveram dificuldade de expressar-se sobre sexualidade/sexo, afirmando não saber seu significado e que a palavra era muito grande (extensa), e, sobretudo, evidenciaram vontade de se informarem sobre estas questões. Relacionaram estes temas à gravidez, namoro, família, necessidade de informação/orientação, medo, temor, perigo, apoio médico entre outros em menor escala (físico, gosto, aids, prostituição, sentimento, prevenção, álcool, drogas, violência, falta de condições emocionais e financeiras);
- praticam ou já praticaram sexo e ressaltam que os tipos de proteção são a camisinha e a informação, muito visualizadas na mídia, e pensam a prevenção ligada ao casamento, fidelidade e a pílula, sobremaneira, como meio de evitar a gravidez;
- possuem preocupação com as IST, girando em torno do HPV, ao câncer genital, ressaltando que mesmo com o uso da camisinha, há risco de contaminação pelo contato genital próximo;
- têm considerável nível de desinformação detectada nas suas respostas referentes ao que sabem sobre as doenças do sexo (IST). Todavia alguns disseram conhecer a aids e doentes que morreram com esta doença,

assoando a ela o estado de emagrecimento das pessoas acometidas e a morte;

- afirmam não ter ou ter tido IST. Para a aids, apresentam significativa desinformação, porém ligam-na à necessidade de informação, à promiscuidade, drogas, morte e contato com sangue;
- não conseguem se expressar sobre o conhecimento das drogas e, embora não façam uso, isto lhes provoca medo e insegurança.

Portanto, de acordo com estes resultados, depreendemos que estes sujeitos têm idéia simplista e ingênua sobre estas questões, cravadas de preconceito e tabu, mitos e crendices, além de certo grau de desinformação ou inadequação da informação, dada a necessidade que eles têm de uma atenção especial, sobretudo para as questões da sexualidade e sexo, que, para qualquer ser humano, já demanda orientação segura e adequada para a melhoria da qualidade de vida.

Estas questões transcendem, pois, a cultura, a inclusão, a escolarização, a deficiência e a desinformação das quais os surdos são susceptíveis, revelando a necessidade de investimento, entre várias possibilidades, em uma ação/intervenção educativa efetiva, visando a garantir uma escolha cidadã e responsável no que diz respeito à promoção da sua saúde sexual e reprodutiva.

As ações de educação preventiva desenvolvidas com eles tiveram um envolvimento conjunto, peculiar, comprovado nas avaliações do processo ensino-aprendizagem do pesquisador/educador com os pesquisandos/educandos. Isso evidencia o sucesso da pesquisa-ação consolidada com os pressupostos de Freire, favorecendo uma relação entre ambas as partes de forma horizontal, em que todos cresceram e foram respeitados enquanto o processo durou.

Ao se fazer uma análise das mudanças alcançadas, pudemos verificar que a captação da realidade sobre o processo da gravidez, métodos contraceptivos e IST/aids foram evidenciadas através da mudança do discurso dos surdos, não só com a incorporação dos novos termos, mas também com a utilização correta dos mesmos, nos diálogos que se sucederam com a pesquisadora e com seus pares. Para Freire (1993:97) “é na análise de uma situação existencial concreta, ‘codificada’, que se verifica exatamente o movimento do pensar” e para o autor, a *palavra* tem duas dimensões nela inseridas: a ação e a reflexão, e a partir do momento que a palavra torna-se *autêntica* (repleta de sentido) para o sujeito, ela se torna verdadeira, ou seja: capaz de transformar sua realidade.

Compreendendo que este estudo trata-se de uma pesquisa-ação de abordagem pedagógica, entendemos que a partir dele foi lançada uma semente para a liberdade e autonomia e para as possíveis mudanças e transformações que valorizem a questão da inclusão como vista na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, das Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica - para o atendimento ao aluno com necessidades educacionais especiais.

Visualizamos, através desta pesquisa, a proposta do bilingüismo que, como visão de educação para o surdo, reiteraria a necessidade de um olhar para as diferenças, trabalhando-as não no sentido de camuflá-las e sim de evidenciá-las para atendê-las efetivamente. Acreditamos que através do diálogo pode-se superar “a manipulação adocicadamente paternalista” como nos chama atenção Paulo Freire (1993:81), e o respeito à cultura do Surdo, à sua língua e seus gestos podem romper com o *ser menos* que muitas vezes é imposto pelo mundo ouvinte ao Surdo, possibilitando um encontro dele com os outros Homens (ouvintes), permitindo-lhe



sentir-se capaz de saber-se tão Homem quanto os outros, na busca do saber mais, do *ser mais*.

*A fé nos homens é um dado a priori do diálogo. Por isto, existe antes mesmo de que ele se instale. O homem dialógico tem fé nos homens antes de encontrar-se frente a frente com eles. Esta, contudo, não é uma ingênua fé. O homem dialógico, que é crítico, sabe que, se o poder de fazer, de criar, de transformar, é um poder dos homens, sabe também que podem eles, em situação concreta, alienados, ter este poder prejudicado. Esta possibilidade, porém, em lugar de matar no homem dialógico a sua fé nos homens, aparece a ele, pelo contrário, como um desafio ao qual tem que responder. Está convencido de que este poder de fazer e transformar, mesmo que negado em situações concretas, tende a renascer. Pode renascer.*

*Paulo Freire (1993:81)*

## REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

- ABDO, C. – **Estudo da Vida Sexual do Brasileiro**. São Paulo, Bregantini, 2004 193p
- BARBOSA, M.A.; GALVÃO, V.R.; MAGALHÃES, M.C.; PIRES, H.B.; FONSECA, A.P.M.; TELES, S.A.; SOUSA, J.T. - Ensino e saúde: o que pensam e o que sabem os deficientes auditivos. *Revista Eletrônica de Enfermagem* (online), Goiânia, v.1, n.1, out-dez. 1999. Disponível: <http://www.fen.ufg.br/revista>  
Capturado em 23/04/2005 22:45:12
- BENTO, I.C.B. – **Problematização e Pesquisa Ação em Sexualidade, DST-Aids com universitários** – Dissertação de Mestrado EERP-USP – Ribeirão Preto: 2000 184 p
- BENTO, I.C.B., BUENO, S.M.V. – Atividades educativas vivenciadas pelo enfermeiro licenciado em escola de 1º grau: um relato de experiência. In BUENO, S.M.V. (org) **Enfermeiro Professor e o Ensino Médio em Enfermagem**. Ribeirão Preto, São Gabriel, 1998, p198
- BERNARDINO, E.L. – **Absurdo ou lógica? a produção lingüística do surdo**. Belo Horizonte, Profetizando Vida, 2000 208p
- BOGDAN, R; BIKLEN,S – **Investigação Qualitativa em Educação**, Porto: Porto Editora, – 1994, 335 p
- BORDENAVE,J.D., PEREIRA, A.M. – **Estratégias de ensino-aprendizagem** Petrópolis, Vozes, 1994 312p
- BUENO, S.M.V. et al – **Educação para Saúde e Orientação Sexual**, Guariba, Guariart, 1994 52p
- BUENO, S.M.V. et al – **Educação para Promoção da Saúde Sexual/DST-AIDS** , Ribeirão Preto: Villimpress, 1995 176p
- BUENO, S.M.V. - **Marco conceitual e referencial teórico da educação para saúde: orientação à prevenção de DST-AIDS e drogas no Brasil, para criança, adolescente e adulto jovem – Documento**. Brasília, Ministério da Saúde/CNDST-AIDS. Brasília-DF, 1997-8 182p
- BUENO, S.M.V. – **Educação Preventiva em Sexualidade, DST-Aids e Drogas nas Escolas** – Livre Docência EERP-USP, Ribeirão Preto: 2000 263 p
- CAPALDO, C. – **Metodologia das Ciências Sociais** – A Fenomenologia de Alfred Shcutz, Londrina: UEL, 1998 97 p

CAPOVILLA, C.C.;RAPHAEL, W.D. (Eds). – **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilingue da Língua de Sinais Brasileira** – 2ª edição, São Paulo, EDUSP/Imprensa Oficial do Estado,: 2001 2 vol 1620 p

DENZIN, N.K.; LINCOLN, Y.S. – **The Seventh Moment**, In DENZIN. N.K.; LINCOLN, Y. S. (Eds.) **Handbook of Qualitative Research** Norman K. 2000 p.1047-1065.

DIAS, A.– **Pesquisa-Ação com alunos do Curso Técnico Profissionalizante de Enfermagem sobre a Sexualidade, DST/aids** – Dissertação de Mestrado EERP-USP – Ribeirão Preto: 2000 158 p

FERNANDES, E – **Linguagem e Surdez**. Porto Alegre: Artmed, 2003 155p

FRANCISCO, M. T. R. *et al* – **AIDS intervention among state university students – a Brazilian experience** – Rio de Janeiro, Velocípede, 1999 51p

FREIRE, P. – **Pedagogia do Oprimido**, 22ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1993 184p

\_\_\_\_\_ – **Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa**, 18ª ed., São Paulo, Paz e Terra, 2001 165p

\_\_\_\_\_ – **Documento/20 anos de Pedagogia do Oprimido**, São Paulo, Yangraf, sd 68 p

GIORDANO, A.T.– **A Pesquisa Ação com mulheres detentas sobre a Sexualidade, DST-Aids e Drogas** – Dissertação de Mestrado EERP-USP – Ribeirão Preto: 2000 170 p

\_\_\_\_\_.– **Violência Sexual e a Vulnerabilidade às DST em mulheres detentas**– Tese de Doutorado EERP-USP – Ribeirão Preto: 2003 150 p

GREENWOOD, D. J.; LEVIN, M.- Reconstructing the relationships between universities and society through action research. In DENZIN. N.K.; LINCOLN, Y. S. (Eds.). **Handbook of qualitative research**. Norman K. 2000 p.85-106.

INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS – **Livros Digitalizados**

Disponível na internet via [www.url](http://www.url):

[http://www.ines.org.br/ines\\_livros](http://www.ines.org.br/ines_livros)

Capturado - em 20/11/2004 14:35:12

LOPES, M. C. **Produzindo Sujeitos Surdos Cristãos** [online]

Disponível na internet via [www.url](http://www.url):

[http://www.educacaoonline.pro.br/produzindo\\_sujeitos.asp](http://www.educacaoonline.pro.br/produzindo_sujeitos.asp)

Capturado em 23/04/2005 21:09:36

MATURANA, H. – **Emoções e linguagem na educação e na política**, Belo Horizonte: UFMG, 1998 103 p

MINAYO, M.C.S. – **O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde.** 6ª ed. São Paulo: HUCITEC-Abrasco, 1999 269 p

\_\_\_\_\_(org) – **Pesquisa Social – Teoria, Método e Criatividade,** 19ª ed., Petrópolis: Vozes, 2001 80 p

NISKIER, A. – **LDB - A Nova Lei da Educação:** Tudo sobre a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Uma visão crítica, 4ª ed. Rio de Janeiro: Consultor, 1996 305 p

PIMENTA, C. – **Prevenir é sempre melhor –** Boletim da Coordenação Nacional DST/AIDS – Ministério da Saúde nº 9, 1998 54 p

RANAURO, H.; SÁ, N.R.L. – **Considerando as pessoas com deficiência,** Manaus: Semente de Vida, 1999 64 p

\_\_\_\_\_. – **O discurso bíblico sobre a deficiência.** Niterói: Muiraquitã, 1999 , 116 p

REIS, S.B. – **Educação Política:** educar para a liberdade, educar para a responsabilidade, São Paulo, Pannartz/UPE, 1990 64 p

SÁ, N.R.L. – **Educação de Surdos:** a caminho do bilinguismo, Niterói: EDUFF 1999 277 p

\_\_\_\_\_. – **Cultura Poder e Educação de Surdos,** Manaus: Ed. da Universidade Federal do Amazonas, 2002 , 388 p

SCHWANDT, T. A. - Three Epistemological stances for qualitative inquiry: Interpretivism, Hermeneutics, and Social Constructionism in DENZIN. N.; LINCOLN, Y. S. (Eds.) **Handbook of Qualitative Research,** Norman K: 2000 p 89-213

SKLIAR,C; QUADROS, R. – **Invertendo epistemologicamente o problema da inclusão: os ouvintes no mundo dos surdos,** Estilos da Clínica, São Paulo, v.V, n.9, p 32-51

SOARES, M.A.L. – **A educação do surdo no Brasil,** Campinas, EDUSF, 1999 115p

TARTUCI, D. – **Inclusão Escolar do Surdo: Seus Efeitos sobre a Participação Social e a Construção da Identidade,** II Seminário Internacional *Educação Intercultural, Gênero e Movimentos Sociais Identidade, diferença e mediações,* Florianópolis, 2003 19 p

THIOLLENT, M. – **Metodologia da Pesquisa Ação,** 4ª ed., São Paulo, Cortez, 1985 108p

TURATO, E.R. – **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa:** construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas de saúde e humanas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003 685 p

VYGOTSKY, L.S. – **A Formação Social da Mente**, São Paulo, Martins Fontes, 1984  
89 p

WAGNER, H.R.(org) – **Fenomenologia e Relações Sociais**, Rio de Janeiro, Zahar  
Editores, 1979 319p

## **ANEXOS**



**ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
**CENTRO COLABORADOR DA ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE PARA**  
**O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA EM ENFERMAGEM**

Avenida Bandeirantes, 3900 - Campus Universitário - Ribeirão Preto - CEP 14041-902 - São Paulo - Brasil  
FAX: 55 - 16 - 633-5271 / 55 - 16 - 630-2561 - TELEFONES: 55 - 16 - 639-0379 / 032-3382

**COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA EERP/USP**

Of.CEP-EERP/USP - 0100/2004

Ribeirão Preto, 17 de setembro de 2004

Prezada Senhora,

Comunicamos que o projeto de pesquisa, abaixo especificado, foi analisado e considerado **APROVADO** pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, em sua 66ª Reunião Ordinária, realizada em 15 de setembro de 2004.

**Protocolo:** nº 0462/2004

**Projeto:** Educação Preventiva em Sexualidade, IST/AIDS através da Língua Brasileira de Sinais: a Inclusão do Surdo.

**Pesquisadores:** Sônia Maria Villela Bueno (Orientadora)  
Isabel Crislina Belasco Bento (Doutoranda)

*Em atendimento à Resolução 196/96, deverá ser encaminhado ao CEP o relatório final da pesquisa e a publicação de seus resultados, para acompanhamento, bem como comunicada qualquer intercorrência ou a sua interrupção.*

Atenciosamente,

  
Prof.ª Dr.ª Claudia Benedita dos Santos

Coordenadora do CEP-EERP/USP

Ilma. Sra.

Prof.ª, Dr.ª. Sônia Maria Villela Bueno (Orientadora)  
Departamento de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas  
Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - USP

## ANEXO 2

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E INFORMADO

Caro aluno,

Estamos desenvolvendo um projeto científico, cujo tema é “EDUCAÇÃO PREVENTIVA EM SEXUALIDADE, IST/AIDS PARA O SURDO ATRAVÉS DA PESQUISA-AÇÃO”. Mas para que a mesma possa ser realizada, será necessário o levantamento destes dados, junto aos surdos, sendo de suma importância para a área de enfermagem, e principalmente para a educação em saúde e prevenção às infecções sexualmente transmissíveis e aids para os deficientes, pois que de acordo com este estudo, poderemos direcionar melhor as ações educativas para eles, através do conhecimento do seu perfil e trabalhar suas dificuldades e necessidades a respeito da temática. Os objetivos da nossa pesquisa são:

1. Identificar junto aos surdos, as práticas sexuais mais freqüentes, o uso de preservativo como meio de prevenção, bem como, seus maiores problemas em relação à sexualidade, IST e aids. A partir daí, a proposta é:
2. Discutir as situações de risco apresentadas pelos sujeitos, trabalhando, conjuntamente com eles, um programa educativo e de intervenção, para levar conhecimento e desenvolver habilidades, visando mudança de comportamento nas áreas deficitárias.

Sendo assim, sua participação é de relevante importância.

Para tanto, informamos que não haverá qualquer risco, dano ou gasto para você. Informamos ainda, que estaremos garantindo o sigilo das respostas, bem como o seu direito de recusar-se a responder, ou mesmo de interromper a qualquer momento, sem qualquer prejuízo ou punição para você. Porém ressaltamos que sua participação associada a outras, trará significativo benefício para si e para este estudo.

Este instrumento será aplicado de agosto a novembro de 2004, em horário de aula, de acordo com sua disponibilidade. Este projeto estima encerrar-se no início do segundo semestre de 2005.

Pesquisadora Responsável:  
ISABEL CRISTINA BELASCO BENTO – Fone: 8127 8790

---

Ribeirão Preto, 01 de abril de 2004.



## ANEXO 3

### ROTEIRO PARA ENTREVISTA

#### DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

SEXO -                    IDADE -                    ESCOLARIDADE -  
ESTADO CIVIL -                    PROFISSÃO/OCUPAÇÃO –  
RELIGIÃO -  
ASSOCIAÇÃO DE SURDOS A QUE PERTENCE-  
DESDE -

#### QUESTOES NORTEADORAS

1. Fale o que você sabe sobre sexo.
2. Sobre a palavra SEXUALIDADE, o que você entende?
3. Você pratica sexo? Como e quanto?
4. Você se protege quando pratica sexo? Como? Quando?
5. Quais os tipos de proteção para praticar sexo você conhece?
6. O que você sabe sobre as doenças que passam através do sexo?
7. Você já teve alguma doença que passa através do sexo?
8. O que você sabe sobre a aids?
9. O que você sabe sobre as drogas?
10. Você já experimentou alguma droga? Como e quanto?